PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
E SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA APRESENTAM:

BOX LITERÁRIO
MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

Rio Prefeitura | Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Conte outra história

MATERIAL DE APOIO PEDAGÓGICO

Rio de Janeiro, 2021

PATROCÍNIO

Rio PREFEITURA | Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Ficha técnica

Supervisão Pedagógica: Sabine Mendes Moura

Edição: Cecilia Leal, Lídia Orphão e Sabine Mendes Moura

Revisão: Laura Spíndola

Autores: Cecilia Leal, Laura Spíndola, Lídia Orphão, Israel Neto, Kaio Phelipe, Paulo Narley, Rosy Nascimento

Projeto Gráfico: Laura Spíndola

Imagens:
Editora Nua
PixaBay - https://pixabay.com/

ISBN 978-65-86353-09-9

Contatos
E-mail: editoranua@gmail.com
Instagram: @editora_nua
Facebook: @EditoraNua
Site: https://www.editoranua.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conte outra história [livro eletrônico] : material de apoio pedagógico. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Editora Nua, 2021.
PDF

ISBN 978-65-86353-09-9

1. Arte de contar histórias 2. Educação

21-56203 CDD-371.32

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ÍNDICE

Carta a Quem Acredita 6

Coleção Outra História 8

Desvio 10

Apresentação 12

Planos de Aula 14

Proposta 1: Desvie-se 14

Proposta 2: Jeitos de dizer as coisas 17

Proposta 3: Nós-sorriso 19

Proposta 4: A Branquitude de Todo Dia 21

Proposta 5: Ficção em Segunda Pessoa 24

Fala, fulô! Como foi escrever *Desvio*? 26

Uma mensagem de fulô 27

Não Podemos Esperar 29

Apresentação 32

Projetos Pedagógicos 34

Sugestões de procedimentos de leitura 36

Projetos Pedagógicos Temáticos 38

Proposta 1: Afrofuturismo 38

Proposta 2: África(s) e a geopolítica 41

Planos de Aula 44

Proposta 1: Produzindo HQs 44

Proposta 2: Futuros Alternativos 49

Fala, Israel! Como foi escrever *Não Podemos Esperar*? 53

Uma mensagem de Israel 54

Para o Homem Descansando ao Meu Lado 59
Apresentação 61
Planos de Aula 63
Proposta 1: O sugestivo, o narrativo e o descritivo 63
Proposta 2: Somos Todes Autores 68
Proposta 3: Discurso de Ódio vs. Opinião 72
Proposta 4: Bricolando Para o Homem 75
Fala, Kaio! Como foi escrever *Para o Homem Descansando ao Meu Lado*? 78
Uma mensagem de Kaio 80

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles 82
Apresentação 84
Planos de Aula 86
Proposta 1: Pele sobre pele 86
Proposta 2: Qual é o tema? 90
Proposta 3: Criminalização da LGBTQfobia 93
Proposta 4: Guarda-roupa arco-íris 96
Fala, Paulo! Como foi escrever *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles*? 99
Uma mensagem de Paulo 100
Uma mensagem de Lídia 101

Terminando esse papo (ou começando?) 103

CARTA A QUEM ACREDITA

Querides educadores,

apresentamos a vocês o **Material de Apoio Pedagógico** do projeto **Conte Outra História,** destinado a facilitar o diálogo entre professores, alunes e agentes do mercado editorial no trabalho com o box literário da Coleção Outra História.

Para nós, esta é uma iniciativa muito especial. Desde 2019, atuamos como voluntárias na edição dos textos que compõem essa coleção. Nosso objetivo era trazer ao formato livro narrativas contemporâneas de autores negres, LGBTQIA+, neurodivergentes, representando diferentes regiões do Brasil, sem custo para esses autores.

Desde o início, imaginávamos esses livros circulando por espaços educacionais, mostrando que existe, sim, uma literatura rica em experimentações, diretamente ligada às questões sociais que experimentamos, sendo produzida hoje, por mais que, nem sempre, seja editada e incluída em programas didáticos.

Além de alinhar-se diretamente à proposta da **Lei 10.639/03,** que prevê a abordagem de culturas africanas em todas as disciplinas do ensino básico, a inserção desses livros em atividades pedagógicas facilitaria a elaboração de planos de aula de acordo com a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Um dos maiores desafios previstos por esse documento é o trabalho integrado com a oralidade, a leitura, a escrita e os aspectos sócio-culturais – algo difícil de implementar, sem o acesso a narrativas relevantes no panorama atual.

Agora, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, por meio do edital emergencial Fomento a Todas as Artes, realizado no escopo da Lei Aldir Blanc, temos a oportunidade de confeccionar oitenta boxes contendo os quatro livros já editados pela Coleção Outra História e doá-los a escolas públicas e coletivos do município do Rio de Janeiro. No entanto, queremos que este projeto vá muito além da simples doação. Apostamos na aproximação entre educadores e mercado editorial independente como uma estratégia fundamental para a formação de futures leitores e autores.

Por isso, compusemos este e-book de apoio a muitas mãos. O que você está prestes a ler é uma síntese das vozes de autores, editores, preparadores textuais e designers das obras contidas no box. Sugerimos planos de aula e projetos pedagógicos, sempre considerando que todo planejamento pressupõe adaptações aos locais onde será aplicado. Trazemos nossas melhores referências. Compartilhamos questões, anseios e sonhos.

Acima de tudo, deixamos recados, esperando que este material inspire um diálogo constante e informativo entre quem produz literatura e quem a lê ou estuda. Esperamos, ainda, que essa fronteira se rompa em um futuro próximo. Que, das redações em sala de aula, surja a próxima geração de autores. Que o acesso à publicação seja cada vez mais livre. E que, juntes, possamos colaborar para a fortalecimento da literatura no Brasil.

Um forte abraço,

Sabine Mendes Moura
Diretora da Editora Nua

OBS: Neste e-book, optamos por utilizar a desinência "e" como forma de introduzir termos de gênero neutro à língua portuguesa, considerando a proposta da coleção e dos livros. Esta medida só não foi adotada em citações diretas.

COLEÇÃO OUTRA HISTÓRIA

Visão, locomoção, reprodução, memória, imaginação... Capacidades essenciais na experiência do humano. Mas a imaginação, muitas vezes, tem dono... A imaginação está refém de narrativas que interessam a poucos e circulam, livremente, pelas páginas dos livros que lemos.

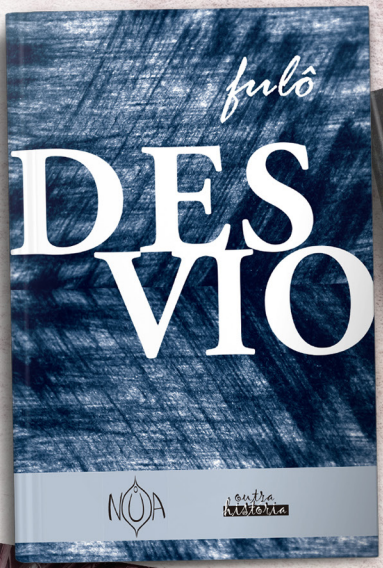
Sem a imaginação, não saímos de casa, não amamos, nem fabulamos liberdades para nenhum de nossos sentidos. Sem imaginação, existe apenas uma história: aquela que nos contaram e seguem contando todos os dias.

A **Coleção Outra História** traz ficção produzida por vozes potentes, mas pouco ouvidas. Quer tornar público o processo de fabulação da população negra, LGBTQIA+ e de ativistas, abrindo uma janela quando a porta estiver fechada. Vamos conhecer sua literatura fantástica, seus contos e crônicas, seus romances realistas e experimentações para arejar nossa própria capacidade de imaginar.

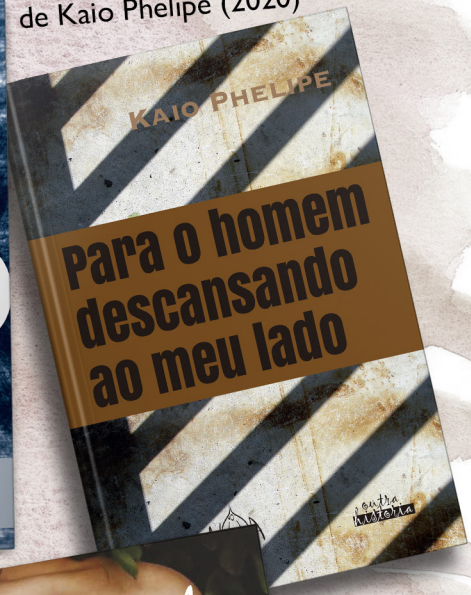
A principal contribuição que os livros da **Coleção Outra História** e o catálogo da Editora Nua em geral traz é apresentar obras que ofereçam acessibilidade, inspiração e identificação, apresentando realidades mais próximas de muites leitores, além de demonstrar a importância de ir além da esfera do clássico, ratificando o papel e relevância de autores contemporâneos na literatura nacional. Para além da contemporaneidade desses autores, podemos dizer que saem do padrão e que não têm medo de se aprofundar em temas complexos, constantemente evitados, com os quais nos deparamos diariamente e cuja discussão e compreensão mostram-se mais do que necessárias.

PUBLICAÇÕES DA COLEÇÃO

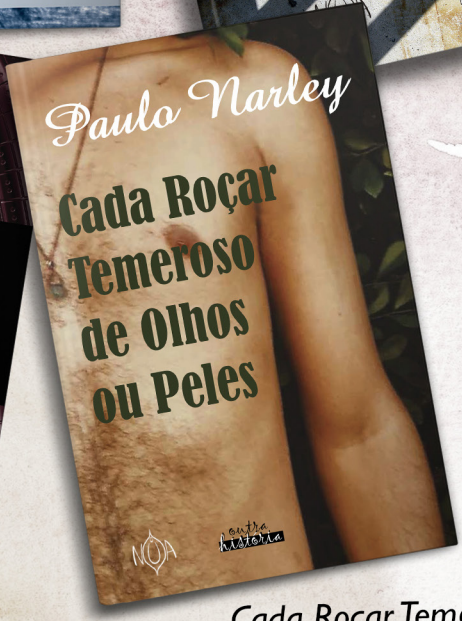
Desvio, de fulô (2019)



Para o Homem Descansando ao Meu Lado, de Kaio Phelipe (2020)



Não Podemos Esperar, de Israel Neto (2020)



Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles, de Paulo Narley (2020)

fulô
DESVIO
NOVA
outra história

Desvio

Porta de entrada: que tal começar lendo um trechinho?

"— As portas da minha casa estarão sempre abertas para você — anunciou a mulher com uma expressão profundamente séria, encarando a menina que se prostrava diante dela com um calorento ar de indiferença.

— Certo — a menina retrucou, sem acreditar naquilo de verdade.

A garota tinha absoluta certeza de que a solidão seria, dali para frente, ainda mais tangível e dilacerante por ter convivido com pessoas que acreditavam piamente que a bondade ainda existia na sociedade atual, mesmo que estivessem forçados a lavar as mãos para a loucura que não causaram e que não tinham mais esperança de remediar. O problema é do mundo agora. A jovem menina, carente de amor, compreensão e dinheiro, é um problema do mundo agora. Que deus a ajudasse."

(trecho do conto *Dependência de Empregada*, p. 55)

FICHA TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Gênero: Contos

Temas: Negritude, mulheridades, sofrimento psíquico, neurodiversidade, saúde mental, espaço urbano

Inovações linguístico-literárias: autoficção, escrita em primeira, segunda e terceira pessoa, prosa poética, escopo da escrevivência, abertura de fala direta com leitores

Apresentação

A linguagem literária possibilita a fabulação de novas histórias, já que as que estão atreladas a uma formulação tradicional são elaboradas, muitas vezes, por perspectivas enviesadas, taxativas e excludentes. ***Desvio*** favorece a jovens estudantes o acesso a uma escrita feita por pessoa que convive com sofrimento psíquico, construída por um olhar do "desde dentro" – de quem fabula sobre a própria vivência com criticidade e dosagens de autoficção. Este tipo de acesso tende a ampliar repertórios referenciais para leitores, como também auxilia diretamente para que assimetrias sociais sejam atenuadas cada vez mais, na medida em que se intenciona a ruptura de ciclos de violência, como a psicofobia.

Autoficção: Termo usado por Serge Doubrowsky, em 1977, para se referir a obras em que autores se inspiram em sua vida para criar ficção. O resultado pode estar mais ou menos próximo da realidade. Então, se alguém lê Desvio e pergunta: "Esse livro é sobre fulô?", vem a resposta: "É e não é". Não é um relato, mas um trabalho ficcional criativo inspirado pelo que acontece em sua vida. Saiba mais **aqui**.

Neurodiversidade: Termo que se refere aos diferentes perfis de funcionamento neurológico do ser humano. Ainda hoje, existe um padrão psicossocial entendido como "normal" que exclui pessoas diagnosticadas (profissionalmente ou não) como autistas, depressivas, bipolares, psicóticas, entre outras condições. Um olhar voltado à neurodiversidade pressupõe desconstruir essa noção de "normalidade". Saiba mais **aqui**.

Fala, fulô!

Desvio *pode ser utilizado dentro das disciplinas de literatura e português, em* ***exercícios de leitura e interpretação textual****, mas também como* ***exemplo de forma não padrão de escrita.*** *É bastante comum a exigência por partes dos cânones que a literatura brasileira seja produzida de forma enrijecida, sem considerar as particularidades de cada territorialidade ou mesmo as complexidades que ocorrem a nível do indivíduo. Desvio, de muitas formas, quebra essa expectativa e pode ser acalanto para outras autorias que traçam a mesma crítica.*

fulô lendo o conto *O Discreto Charme da Branquitude* no lançamento do livro *Desvio* (2019).

PLANOS DE AULA

Proposta 1: Desvie-se

Objetivo: apresentar e trabalhar com o mecanismo literário da autoficção

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Desvio* ou imagem da capa;
- ✔ Texto da *Introdução* do livro (páginas 15-16);
- ✔ Materiais criativos disponíveis (caderno, lápis de colorir, canetinha, o que puder ser usado);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Como um exercício de aquecimento, sugerimos começar com uma **leitura visual da capa**. *Desvio* apresenta um desenho abstrato como imagem principal, mas a tipografia utilizada para apresentação do título tem um peso bem específico e um comportamento diferente do que habitualmente vemos em outros livros.

Estimule a leitura visual, apresentando a capa e seus elementos de estruturação, tais como nome de autore, da obra, da editora. O que alunes podem inferir a partir desses elementos? O que lhes vem à cabeça? Por que acham que um desenho abstrato (não-figurativo) foi escolhido como base para a capa? Que diálogo podemos estabelecer entre o título, sua forma e a ilustração da capa? Como, a partir da capa, já podemos ir construindo uma noção de desvio? Anote as contribuições de alunes no quadro/aplicativo e, ao final da atividade, releia o que apresentaram. Manter os dados no quadro/aplicativo.

Fala, editora!

Conversamos muito sobre como seriam as capas da Coleção Outra História*, eu e Cecilia, a designer. Para nós, era importante que as capas sugerissem sem "entregar de cara" as linhas narrativas dos textos, para que a leitura fosse ocorrendo aos poucos, como um convite, sem intrusões. No caso de* Desvio*, havia três opções de capa, uma delas até mais figurativa, mostrando um desvio em uma linha de trem. Porém, junto com fulô, optamos por algo menos óbvio.*

Leitura

Para apresentar a proposta de autoficção, pedir à turma que leia a apresentação do livro, de forma silenciosa ou em voz alta. Como muitos dos textos de fulô foram feitos para ser ditos ou com inspiração direta na performance à qual também se dedica, a experiência de lê-los em voz alta pode ser interessante. Esta parte do livro é um convite: "Vem cá no meu aconchego que te acolho". Para falar de autoficção, você pode partir das seguintes perguntas: É fulô quem está convidando? fulô, em minúscula de propósito, é o codinome de Rosy do Nascimento, autore e cineasta potiguar. Quem convida, então, é fulô ou Rosy? Evidenciando a construção de uma persona narradora, você pode apresentar o conceito de autoficção.

Você sabia?

fulô não é a primeira pessoa a usar a minúscula para se posicionar em sua arte. Gloria Jean Watkins, também conhecida como bell hooks (em minúscula de propósito), é uma escritora, professora e ativista norte-americana que usa esse pseudônimo para enfatizar que a atenção deve ser posta em sua escrita e não em sua pessoa. **Saiba mais aqui.**

Ouça o texto

Há uma gravação de fulô lendo o texto de apresentação de seu livro na página de YouTube da Editora Nua. Você pode optar por mostrá-la a alunes, analisando, também, as escolhas de filmagem e edição do trecho. **Para assistir, clique aqui.**

Encerrando a discussão, pergunte à turma se gostaram dessa ideia de autoficção. O que achariam de ficcionalizar a própria realidade? Será que já fizeram isso? Gostariam de experimentar? O que acharam da forma como fulô fez isso?

Pós-leitura

Proponha a cada alune que eleja um ou mais aspectos de sua vida – podem ser cenas, lembranças, elementos, características pessoais – que gostariam de ficcionalizar. Releia as anotações no quadro acerca da noção de desvio e jogue a provocação: Como vocês poderiam se desviar de si? O resultado pode ser um texto, um desenho, uma performance e pode ser construído em grupos. Os trabalhos podem ser expostos e gerar outros tipos de produção textual ou servir como porta de entrada à leitura continuada dos contos no livro.

Proposta 2: Jeitos de dizer as coisas

Objetivo: trabalhar figuras de linguagem e outros mecanismos expressivos da língua

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Texto do conto "Paieiro", livro *Desvio* (páginas 44-45);
- ✔ Materiais criativos disponíveis (caderno, lápis de colorir, canetinha, o que puder ser usado).
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Dependendo da região do país onde você esteja atuando como educadore, a palavra "paieiro" pode ser mais ou menos comum. Comece perguntando se a turma a conhece. Caso seja comum, peça que contem histórias que a palavra evoca. Caso seja incomum, mostre um paieiro (cigarro de palha) ou descreva-o. Você pode aproveitar a oportunidade, caso seja de seu interesse e a turma se anime, para listar outros elementos comuns do dia a dia que mudam de nome, dependendo da região. Como o foco desta atividade será o trabalho com figuras de linguagem e recursos expressivos da língua, pergunte à turma o que acham da palavra paieiro? Tanto faz usar essa ou outra palavra? Que efeitos são provocados a cada escolha?

Leitura

Apresente à turma o conto Paieiro. Leia com a turma em voz alta. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que haja chance de uma escuta perceptiva das formas de dizer.

Você sabia?

Apesar de composto por temas acessíveis e cotidianos, Desvio apresenta uma grande variedade de elementos literários que tornam seus textos extremamente ricos. No conto "Paiero", são identificados vários recursos expressivos que podem contribuir para o estudo das figuras de linguagem. Exemplos:

"A melancolia bateu sinistramente no peito como um tiro de escopeta certeiro no mediastino [...]";

"Comecei a me sufocar de pensamentos";

"Ergui, pois, meu corpo que perece, enguiando como um sapo que coaxa".

Pós-leitura

Estimule que a turma identifique as figuras de linguagem e mecanismos criativos presentes no texto. Peça que exercitem o uso dos mecanismos identificados oralmente – criando frases ou mini-histórias em que dão continuações diversas a frases do conto.

Como tarefa final, sugerimos a escrita de um texto com 20 linhas utilizando os mecanismos criativos exercitados para responder à questão: "Qual é o gosto que as palavras têm?"

Proposta 3: Nós-sorriso

Objetivo: trabalhar com a construção de textos visuais

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Texto do conto "Sorrisos", livro *Desvio* (páginas 47);
- ✔ Câmeras (podem ser de celular);
- ✔ Impressora ou espaço interativo on-line

Pré-leitura

Conversar com a turma sobre sorrisos. Quando foi a última vez que sorriram? Existe diferença entre rir e sorrir? Quais são os motivos que eles têm para sorrir? É preciso que se tenha motivos para sorrir? Como se sentem ao sorrir? Caso você se sinta confortável para isso, pode começar a conversa sorrindo e observar como a turma reage. Sorrisos são contagiosos? Causam desconforto?

Leitura

Apresente à turma o conto Sorrisos. Leia com a turma em voz alta. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta.

Pós-leitura

Desenvolver, com a turma, um **trabalho interativo de registro dos sorrisos** de cada um, dentro das possibilidades de cada coletivo e espaço. A ideia é registrar os sorrisos e adicionar uma palavra ou definição a cada um deles. Os sorrisos podem ser impressos e organizados na parede. Caso não seja possível imprimir ou utilizar o espaço físico, pode-se publicar nas redes sociais o conjunto dos sorrisos da turma e ler as palavras/definições para que todes ouçam.

Você sabia?

A autoficção também pode ser construída a partir de textos visuais e todo trabalho interativo – na construção de varais, murais ou mosaicos – pode ser bastante colaborativo, em um processo em que definições e composições vão sendo construídas em conjunto.

Proposta 4: A Branquitude de Todo Dia

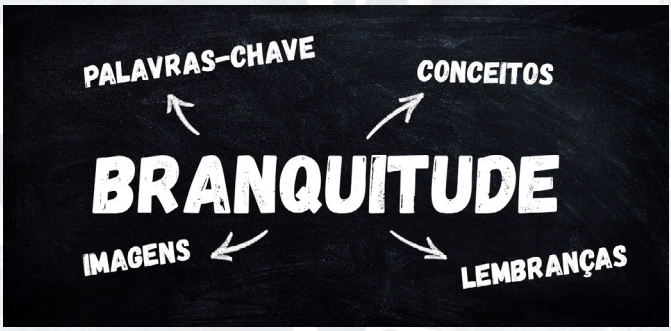
Objetivo: abordar a questão da branquitude como elemento construtor do racismo estrutural

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Texto do conto "O Discreto Charme da Branquitude", livro *Desvio* (página 72);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Escreva no quadro a palavra "branquitude" e peça à turma que fale sobre o que essa palavra lhes sugere. Você pode criar uma espécie de mapa semântico em que a palavra está no centro e dela saem setas com outras palavras-chave, conceitos, imagens e lembranças associadas. Pode, ainda, pedir a alunes que se aproximem do quadro e escrevam diretamente nele, construindo seu próprio mapa semântico.



Você sabia?

Caso a turma esteja acostumada a ficar sentada diante de professores, o espaço da frente da sala e da lousa acaba se configurando como local de poder. Portanto, é interessante desconstruir esse local para discutir branquitude e racismo estrutural – bem como quaisquer outras formas de violência – já que o conceito de poder estará sendo abordado não apenas no discurso, mas também na prática.

Caso a turma já esteja acostumada com configurações de debate em que se sentem em círculos ou circulem pelo espaço, você pode pensar outras formas de reconfigurar a sala para produzir essa desconstrução.

Branquitude: o conceito de branquitude se refere à série de privilégios estruturais e à construção de um efeito de superioridade de pessoas brancas sobre as demais: o que é identificado como branquitude passa a ser entendido como "padrão", "normal", "origem" ou "superior". **Saiba mais aqui.**

Leitura

Apresente à turma o conto O Discreto Charme da Branquitude. Leia com a turma em voz alta. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Aproveite a oportunidade para estabelecer um diálogo com a turma sobre experiências que o conto evoque. Algumas perguntas podem apoiar a discussão: Como vocês veem a relação entre o título e o texto do conto? O que acharam da forma que fulô utilizou para estruturar essa história? Que relações podemos criar entre o que escrevemos no quadro sobre a palavra "branquitude" e o conto?

Fala, fulô!

"O Discreto Charme da Branquitude" é um conto que trata sobre uma relação conflituosa entre discente e docente atravessada pelas marcas do racismo. Assim, é possível evocar uma autorreflexão do profissional da educação dentro de sala de aula, como também iniciar uma discussão dentro do espaço acadêmico nas instituições educacionais que ainda não praticam uma luta antirracista de forma mais evidenciada.

Pós-leitura

Discuta com a turma de que maneira o texto fala do racismo. Você pode sugerir a todes que exprimam as expressões mais comuns do racismo em suas vidas e as escrevam. Em seguida, pode perguntar como essas expressões poderiam ser substituídas, reescritas – tanto no sentido de superá-las, quanto no sentido de recriá-las artisticamente. Leia as produções textuais com a turma. Elas podem gerar muitos "ganchos" para futuras incursões neste tema.

Proposta 5: Ficção em Segunda Pessoa

Objetivo: trabalhar a segunda pessoa como recurso literário

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Texto do conto "Isso Tudo é Enganação" do livro *Desvio* (páginas 48-53);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

"Isso Tudo É Enganação" é o conto mais longo presente na obra. Narra, em segunda pessoa, o cotidiano de uma mulher numa viagem de ônibus – os seus pensamentos e reflexões se cruzam na fadiga da viagem. O transporte público é o meio de locomoção mais usado por pessoas da periferia, com baixo poder aquisitivo, o que gera uma identificação imediata entre muitos leitores. Pode ser também utilizado como dispositivo para construções de narrativas ficcionais ou até mesmo autobiográficas. O que os estudantes costumam refletir quando estão no "busão"? Eis a pergunta para esquentar essa leitura.

Você sabia?

"Isso Tudo É Enganação" é escrito em segunda pessoa. Não é muito comum vermos contos em segunda pessoa – utilizando o "você" ou o "tu", dependendo dos costumes de cada região, para posicionar leitores em uma cena fictícia. No entanto, autoras como a nigeriana **Chimamanda Ngozi Adichie** e a ugandesa **Lilian Aujo** já utilizaram esse mesmo recurso em seus contos. Se a terceira pessoa pode criar distanciamento e a primeira pessoa pode gerar a sensação de que quem lê se mescla a quem escreve, a segunda pessoa nos deixa dentro da cena, como em um RPG, abrindo a possibilidade de que experimentemos a narrativa mais do que o ponto de vista da personagem ou de narradores.

Leitura

Apresente à turma o conto Isso Tudo É Enganação. Leia com a turma em voz alta. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Aproveite para perguntar à turma, logo após a leitura, sobre qual foi a sensação de ouvir/ler um texto que nos guia para dentro da cena. Veja se conseguem reconhecer por que isso ocorre. Mencione a segunda pessoa.

Pós-leitura

Converse com a turma sobre os meios de transporte que usam e o que pensam quando estão neles. Verifique se fazem alguma atividade enquanto estão em trânsito (se leem, escutam música, usam o celular, etc). Comente sobre as condições do transporte. Anote as respostas no quadro ou em um aplicativo correspondente, montando uma tabela que mostre a relação entre meios de transporte e atividades. Leia o resultado com a turma. A partir desse mapeamento, você pode pedir a todes que respondam à provocação: "Conte às pessoas como é estar no seu transporte de todo dia", experimentando com a segunda pessoa em poesia falada ou texto escrito. Caso haja alunes que compartilham meios de transporte, podem trabalhar juntes em suas composições.

Fala, fulô!

Como foi escrever *Desvio*?

O processo de escrita de **DESVIO** *foi realizado de modo descontínuo durante os anos de 2014 e 2018. No entanto, muito distante de imaginar que uma obra narrativa sairia desse processo. A minha intenção era de seguir experimentando a linguagem literária, a partir de leituras que me atravessavam no período em que fui bolsista da Biblioteca Central Zila Mamede (BCZM|UFRN). Essas leituras também se construíam de modo desordenado, entretanto, notava a preferência pelos gêneros conto e microconto ambientados no universo ficcional.* ***Cordilheira*** *(2008), de Daniel Galera, foi uma dessas leituras que fizeram morada no meu imaginário, ao passo em que também investia nas obras de Dalton Trevisan, como* ***Cemitério de Elefantes*** *(1984) e Caio Fernando Abreu, como* ***Morangos Mofados*** *(1982),* ***O Ovo Apunhalado*** *(1975),* ***Ovelhas Negras*** *(1962),* ***Triângulos das Águas*** *(1983). A estas leituras também se uniam outras mais clássicas, como* ***O Retrato de Dorian Gray****, de Oscar Wilde,* ***Madame Bovary,*** *de Gustave Flaubert e* ***A Cor Púrpura,*** *de Alice Walker. Neste período, é importante destacar, entretanto, a dificuldade no acesso a narrativas construídas por pessoas negras e indígenas – sobretudo produzida por mulheridades. A descolonização literária se iniciou na convivência cotidiana com autorias potiguares que produziam escrevivências — como alude Conceição Evaristo. Isto é, autorias como Falho, Assum Preto, Jane Gomes produziam (e ainda produzem) narrativas que as localizam no tempo e espaço e contam sobre suas trajetórias e vivências. Não se trata de uma escrita distanciada. Assim,* ***Leite do Peito*** *(1988), de Geni Guimarães, é uma das minhas maiores referências literárias. A esta, unem-se, certamente,* ***Olhos d'Água*** *(2014) de Conceição Evaristo e os* ***Cadernos Negros*** *publicados pela editora Quilombhoje.*

Uma mensagem de fulô para quem quer escrever

Palavras, quando acumuladas, podem se tornar engasgos, e isso dificulta a possibilidade de uma vida plena. Antes do ofício existe o ensejo, a necessidade de se expressar por figuras de linguagens e outros artifícios literários. Quais histórias você guarda para si? Quais imagens te atravessam a derme e dormitam no seu silêncio? Quais diálogos te chamam a atenção a ponto de desejar registrá-los? A escrita é preservação da memória, uma fotografia dedilhada em símbolos ortográficos. É muito menos sobre quem lê do que sobre quem escreve, e esse ato tende a capturar ambientes, sons, paisagens, um momento. A escrita pode ser interpretada como uma forma de tecer narrativas sobre a quebrada, o seu bairro, a sua cidade. Mas, antes disso tudo, é uma forma de conter engasgos e até mesmo soluços, diria. Caso tenha o interesse em ser um contador ou contadora de histórias, apenas escreva. Tenha sempre em mente que ninguém poderia contar a sua história melhor do que você. Exercite a escrevivência, leia os seus pares, esteja sempre disponível ao erro, e, principalmente, reconheça o seu esforço e talento.

fulô
DES
VIO
NÚA
outra história

ISRAEL NETO
NÃO PODEMOS ESPERAR
outra história

"Acordo assustada, procurando os sons e o ar que até segundos atrás me faltavam. Me deparo apenas com uma grande estrela branca que, embaçando minha visão, impede que eu reconheça os equipamentos ao meu redor. Algumas sombras se prostram perto de mim, irreconhecíveis por conta da claridade e de minha memória que vai, pouco a pouco, sendo rebooteada. Meus ouvidos, em contraposição, funcionam desde que recuperei a consciência: foram eles que me chamaram para a luz. Eu entendo cada palavra, mas sei que a língua sendo falada aqui não é a minha. Levanto, apalpando a região sensível e inflamada atrás de minha orelha direita. É um abcesso. Algumas pessoas me acalmam e me ajudam a me trocar. Sinto tanto frio que não consigo transmitir corporalmente todas as dúvidas e estranhezas que estou sentindo. Foi tudo muito rápido.

Depois de alguns minutos em outra sala — toda branca, confortável, com um sofá enorme e uma mesa ao centro —, me trouxeram vários copos de água, chocolate quente...

Devo ter tirado um cochilo porque, quando dou por mim, vejo uma moça sentada ao meu lado com um dos meus copos de chocolate na mão.

— Perdoe-me a ousadia, Núbia. — A estranha degustou mais um pouco da minha bebida e se virou pra mim intimamente. — Está melhor?

— Sim. Confusa, mas bem — respondi com uma estranha sinceridade.

— Descanse mais um pouco. Logo, te explicamos tudo."

(Não Podemos Esperar, p. 21-22)

FICHA TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Gênero: Novela (romance curto)

Temas: Afrofuturismo; ficção cientifica; panafricanismo; manifestações #blacklivesmatter; quilombismo; história e cultura africanas; criogenia; avanços tecnológicos

Inovações linguístico-literárias: escrita em primeira pessoa apresentando o ponto de vista de três personagens principais que compõem, capítulo a capítulo, a linha narrativa; utilização de frases únicas como capítulos/seções; utilização de páginas coloridas na edição final como elemento narrativo de passagem de tempo

Apresentação

O Livro ***Não Podemos Esperar*****,** de Israel Neto, dialoga com temas recorrentes e presentes nos debates do dia a dia, tanto na academia, na escola e nas comunidades, quanto, sem dúvida, na arte. Trazendo múltiplos prismas do debate racial, a obra está focada nos eixos da emancipação, da cultura e do poder econômico, bases para o Pan-Africanismo difundido nos textos e vida de pensadores como Marcus Garvey, Haile Salassie, Malcom X e abrasileirados no célebre livro "O Quilombismo" (Editora Vozes, 1980) de Abdias do Nascimento. Esse debate tenso, denso e complexo ganha um ar de aventura por meio da ficção científica e da dramaticidade das personagens na trama. Trata-se de uma abordagem mais dinâmica e sensível a temas importantes para estimular a curiosidade, indicando elementos a partir dos quais leitores podem realizar suas próprias pesquisas ou simplesmente entretendo. A narrativa disputa seu lugar no imaginário de quem lê, através do olhar de personagens que, geralmente, estão fora dos cânones literários contemporâneos da literatura fantástica e da ficção.

Pan-Africanismo: Termo que se refere a um movimento de caráter social, filosófico e político que defende a união de todos os países africanos e afrodescendentes que, hoje, habitam em outros países para o fortalecimento da União Africana. Como organização internacional, a União Africana foi fundada em 2002, sucessora da Organização da Unidade Africana (1963), e reconhece afrodescendentes em todo o mundo como cidadãos africanos. **Saiba mais aqui.**

Fala, Israel!

Não Podemos Esperar p*ode ser usado em* ***atividades transversais****, envolvendo outras disciplinas, além do Português/ Literatura. Em* ***Estudos Sociais/Sociologia****, por exemplo, há relações com o tema do combate ao racismo, da mobilização popular e fortes ligações com uma possível aplicação das teorias pan-africanistas. Educadores podem apresentar as referências mais importantes na área que evidenciam a intelectualidade africana e pan-africana, tais como:* ***Lélia Gonzalez*** *(e o termo* ***Améfrica Ladina****),* ***Aimé Césaire****,* ***Stive Biko*** *e seu livro* ***Escrevo O Que Eu Quero*** *(Editora Ática, 1990),* ***Miriam Makeba*** *e seu álbum* ***Africa*** *(Novus Record, 1991),* ***Léopold Sédar Senghor*** *e o movimento negritude. Já, já, a gente traz associações com outras disciplinas.*

Preparação – pensando a estrutura da obra

Em *Não Podemos Esperar*, Israel Neto apresenta **dois experimentos literários**. Nesta seção, vamos sugerir formas de aproveitar esses experimentos para pensar **atividades de leitura em grupo a longo prazo**.

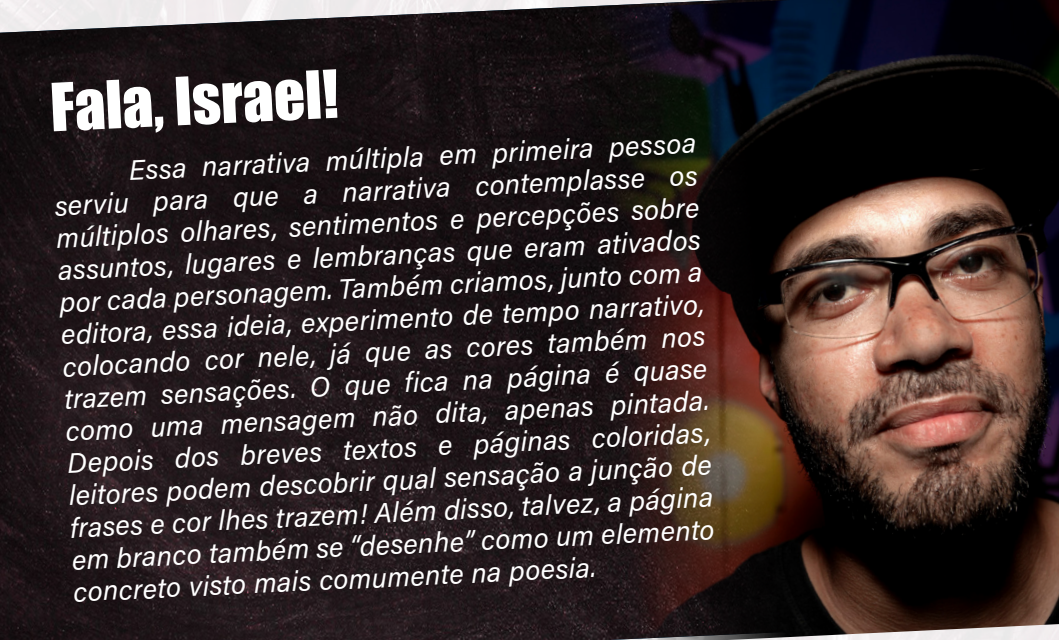
Ponto de vista de três personagens em primeira pessoa

Ainda é mais comum, especialmente em literatura fantástica, encontrarmos narrativas em primeira pessoa que se referem ao ponto de vista de uma personagem principal ou narrativas em terceira pessoa em que o narrador é onisciente. Em *Não Podemos Esperar*, temos a trama vai sendo revelada a leitores por meio da narrativa das três personagens principais: Anya, Núbia e Mateus. Cada capítulo é contado, em primeira pessoa, pela perspectiva de uma dessas personagens.

Páginas coloridas como expressão do tempo narrativo

No original do livro, ou seja, no arquivo de texto que deu origem à edição final, havia duas frases (p. 11 e p. 15), destacadas do restante do texto e separadas entre si por páginas em branco. A ideia inicial era referendar apenas uma frase ou expressão como capítulo, indicando uma passagem indefinida de tempo com as páginas em branco. Na edição final, as páginas em branco foram substituídas por páginas coloridas em dois tons de lilás.

Fala, Israel!



Essa narrativa múltipla em primeira pessoa serviu para que a narrativa contemplasse os múltiplos olhares, sentimentos e percepções sobre assuntos, lugares e lembranças que eram ativados por cada personagem. Também criamos, junto com a editora, essa ideia, experimento de tempo narrativo, colocando cor nele, já que as cores também nos trazem sensações. O que fica na página é quase como uma mensagem não dita, apenas pintada. Depois dos breves textos e páginas coloridas, leitores podem descobrir qual sensação a junção de frases e cor lhes trazem! Além disso, talvez, a página em branco também se "desenhe" como um elemento concreto visto mais comumente na poesia.

Sugestões para o trabalho em sala de aula

Os experimentos mencionados acima facilitam a leitura de *Não Podemos Esperar* em um projeto pedagógico a longo prazo já que educadores podem explorar tanto os aspectos visuais da parte inicial da obra quanto leituras periódicas de capítulos por personagem ou em grupos de três personagens, sem que isso exija separar tempos demasiado grandes de aula ou interromper atividades previstas no currículo. Sabemos que o gerenciamento do tempo é uma questão importante para muitos educadores. Portanto, considerando a estrutura da obra, destacamos que qualquer projeto de leitura continuada de *Não Podemos Esperar* pode ser realizado no ritmo possível para cada realidade a que se aplicar, sem que o trabalho se perca com isso.

Basicamente, você pode dedicar uma ou duas aulas à exploração do experimento visual na primeira parte do livro (p. 11 a 19) a partir de perguntas como: *Por que vocês acham que o livro começa assim? Por que acham que o autor escolheu destacar essas frases? O que a combinação entre frases e cores causa em vocês?* Em seguida, pode organizar sessões de leitura do texto mais corrido, seguindo a lógica dos pontos de vista das personagens.

Leitura do livro como parte de uma atividade bimestral

A cada semana, a turma pode realizar a leitura de três capítulos, presencialmente ou on-line. Assim, terão três pontos de vista – de Anya, Núbia e Mateus – para trabalhar a cada sessão de leitura, garantindo que os cortes na história serão menos arbitrários.

Como resultado dessas leituras, sugerimos que alunes criem vídeos, registrados em celulares, em que assumem o lugar das personagens. Esses vídeos podem ser leituras dramatizadas dos diálogos, pequenos *sketches* teatrais que produziriam e encenariam ou criações mais livres

Dependendo do andamento do trabalho e da disposição da turma, os vídeos podem se tornar uma tarefa semanal, uma tarefa quinzenal ou uma composição bimestral.

Ilustração de Fabrício Flor
Não Podemos Esperar (2020), p. 56

Você sabia?

Não Podemos Esperar tem muitos diálogos. Essa característica pode ser explorada para múltiplas atividades de criação cênica e artística.

Leitura coletiva

Como alternativa à leitura bimestral, educadores podem propor uma leitura coletiva do livro ao início/final de suas aulas, em momentos mais livres ou em uma série de aulas dedicadas a isso. Como se trata de uma novela (romance curto), dependendo do ritmo de leitura da turma, acreditamos que isso possa ser feito em um período de duas a cinco aulas corridas. A primeira pessoa facilita a identificação de alunes com o texto, aproximando vivências de personagens de sua realidade.

Como sugestão para dinamizar o processo e trabalhar a questão de gênero, sugerimos que a divisão de vozes seja realizada independentemente do gênero de identificação de alunes. Exemplos: Um aluno que se identifica como menino pode ser chamado a ler e interpretar a Anya ou a Núbia. Alunas que se identificam como meninas podem "fazer" o Mateus, em um processo de revezamento, para o qual pode se estabelecer um critério coletivo. Ao final dessa experiência, é importante discutir como se sentem performando a voz de personagens de gêneros diferentes.

Projetos Pedagógicos Temáticos

Proposta 1: Afrofuturismo

Não Podemos Esperar é uma novela afrofuturista. No escopo do movimento afrofuturista, que extrapola o campo da literatura fantástica, educadores podem elaborar projetos pedagógicos temáticos para além da leitura sequencial. Sugerimos, aqui, um projeto temático centrado no universo afrofuturista.

Afrofuturismo: Segundo o **Projeto Draft**, "afrofuturismo é um movimento cultural, social e político, cuja produção promove o encontro entre ficção científica, tecnologia, realismo fantástico, ancestralidade, mitologia e diáspora africana negra. Suas narrativas — na música, nas artes plásticas, na literatura, nos quadrinhos, na moda, no cinema etc — dizem respeito, necessariamente, à população negra." **Saiba mais aqui.**

O Afrofuturismo tem, como um de seus pilares, a **visibilidade dos corpos negros**. Por isso, é importante trabalharmos com obras que positivizem a presença negra, desconstruindo os estereótipos criados sobre as populações negras no mundo e no universo fantástico. A ligação entre as personagens negros e as altas tecnologias pretende evidenciar a importância e sapiência das populações africanas e afrodiaspóricas, bem como sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade.

Organizando o projeto

Após a leitura do livro, que pode seguir as sugestões dadas na seção anterior ou configurações mais interessantes para sua realidade local, você pode propor à turma um estudo das tecnologias contemporâneas que são produzidas e desenvolvidas em África, a partir de perguntas como:

- **O que há de moderno no continente-mãe?**
- **Quais são os nomes de cientistas africanes hoje e o que estão fazendo?**
- **Quais são as universidades africanas e suas linhas de atuação?**

Não Podemos Esperar dá várias aberturas para a abordagem dessas questões, ou seja, a pesquisa pode ser encorajada ao longo do processo de leitura e sistematizada ao final do processo de leitura. A investigação sobre ciência africana contemporânea também pode abrir espaço para o estudo das contribuições africanas à humanidade.

Você sabia?

O livro **Gênios da Humanidade – Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente**, de Carlos Machado (Editora DBA, 2017) traz um estudo histórico sobre a participação negra nas ciências exatas, biológicas e humanas, baseada em dados dos Estados Unidos, do Brasil, dos antigos reinos africanos e dos cinquenta e quatro países soberanos compunham o continente africano à época da publicação. Versa sobre invenções africanas e afrodescendentes dos tempos antigos, modernos e contemporâneos, que, com o passar dos anos, caíram no esquecimento, sendo marginalizadas pelo fenômeno do eurocentrismo. É importante saber que pessoas de origem africana participaram de algumas invenções que mudaram os rumos da História.

Ideias para a sistematização da pesquisa

As descobertas feitas ao longo do processo de pesquisa podem ser sistematizadas em murais e outros tipos de exposição visual. Recomendamos que a turma seja convidada a pensar a exposição de seus trabalhos também como um processo artístico afrofuturista, pensando sua composição e agrupamento temático a partir da autodefinição como agentes nesse processo. Como proposta alternativa, pode-se trabalhar com a recriação de experimentos científicos e invenções desenvolvidas por inventores negres.

Fala, Israel!

Falando um pouco mais sobre aspectos transversais do livro, Não Podemos Esperar *pode ser trabalhado em* ***Biologia*** *e* ***Química****. Já que se trata de um livro de ficção cientifica, parte do enredo inclui uma cápsula criogênica de conservação da vida. Fica a pergunta: essa tecnologia é viável? Temas como a conservação das células, do cérebro e da memória podem ser discutidos, além da parte técnica e física de tais dispositivos. A conservação é possível? Célula e organismo seguiriam seus ciclo de vida após serem "descongelados" do ponto em que foram suspensos? A criogenia já é utilizada na vida real.* ***Veja mais aqui.***

Proposta 2: África(s) e a geopolítica

Em *Não Podemos Esperar*, há vários aspectos sociopolíticos, diretamente mencionados ou sugeridos pela trama, que favorecem a criação de um projeto pedagógico em que a leitura sequencial seja acompanhada ou seguida por discussões sobre a contribuição e atuação dos países africanos no cenário global. Essas discussões podem ter início nas aulas de Português/Literatura e serem aprofundadas em aulas de Geografia, com maior ou menor trabalho conjunto entre professores, dependendo da realidade vivida em cada contexto educacional.

Você sabia?

No processo de marginalização do conhecimento africano, perderam-se ou refutaram-se muitas informações sobre a origem da espécie e cultura humanas, consideradas acientíficas e, posteriormente, confirmadas com o avanço dos exames de DNA. **Cheik Anta Diop**, historiador, antropólogo, físico e político senegalês, foi um dos precursores dessa compreensão, ao afirmar que o Egito Antigo da época dos faraós, conhecido como Kemet, foi uma cultura negra. Assista a uma entrevista com ele **aqui.**

Organizando o projeto

Após a leitura do livro, seguindo as sugestões da seção anterior ou configurações mais interessantes para sua realidade local, você pode propor à turma um debate a partir da seguinte situação, inspirada na trama do livro:

- Imagine o que aconteceria se o maior continente do mundo, com suas cinquenta e quatro nações, somadas a todo o seu povo espalhado pelo planeta, resolvesse se rebelar contra o extermínio de sua população, utilizando como estratégia a influência direta do comércio exterior?
- Um mundo globalizado poderia sobreviver sem negociar com a(s) África(s)?
- Seja no campo do justo comércio, seja na exploração dos recursos naturais, existiria possibilidade de apagamento da influência africana?
- Seja no uso destes povos para venda de armas, seja no estímulo a guerra civis, será que o restante do mundo estaria pronto para seguir sem a África?
- Atualmente, qual é a influência das Áfricas na dinâmica da globalização?

Ideias para a sistematização do trabalho

Como sabemos, essas questões partem de um paradigma afrocentrado comumente invisibilizado em disciplinas escolares e materiais didáticos oficiais. Por isso, é possível que a turma precise pesquisar sobre a real contribuição africana aos avanços mundiais. A partir dessa proposta, podem se organizar seminários, ciclos de debate e uma série de produções textuais.

Fala, Israel!

Os povos do continente africano contribuíram com o mundo em diversos âmbitos e você pode descobrir ainda mais sobre isso nas investigações pioneiras do político e historiador ***Joseph Ki-Zerbo****, de Burkina Faso. Recentemente, sua obra foi sistematizada na* ***Coleção História Geral da África****, publicada pela Unesco.*

No Brasil, especificamente, o conhecimento dos povos Bantos sobre mineração e domínio do pastoril em campo aberto deu início à cultura do gado e dissecou as riquezas minerais de Minas Gerais. No mundo, o poder político da Núbia, do Egito e da Etiópia inspiraram os pensadores que desenvolveram nosso conceito atual de democracia e cultura ocidental.

PLANOS DE AULA

Nesta seção, vamos apresentar propostas que podem ser realizadas a curto ou médio prazo e que não dependem da leitura do livro inteiro.

Proposta 1: Produzindo HQs

Objetivo: trabalhar textos verbo-visuais a partir do gênero HQ.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Não Podemos Esperar* ou trechos selecionados dos diálogos e das imagens do livro (capa e ilustrações);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).
- ✔ Materiais de desenho (físicos ou programas on-line, que podem ser simples).

Pré-leitura

Para começar a exercitar as habilidades verbo-visuais, comece apresentando à turma a capa e as ilustrações do livro. Você pode perguntar que temas acham que obra aborda e, com isso, incentivar a leitura, mesmo que não haja tempo de fazer isso em sala. Em seguida, comece a exercitar a leitura visual da capa: O que lemos na ilustração da capa? O que ela provoca de referências e de correlações com aspectos conhecidos? Em que outras obras você pensou ao ver esse desenho? Conseguiu imaginar a qual cena esse detalhe apresentado pertence? A fonte utilizada é moderna, sem serifa ou adereços. O que podemos ler nessa tipologia?

Fala, designer!

A ficção afrofuturista de Israel Neto exigiu um tratamento visual diferenciado na capa. Uma imagem muito detalhista, sem, contudo, revelar a cena.

O que é apresentado é um detalhe significativo: mas do quê?

Anote as observações da turma no quadro. Em seguida, exponha as ilustrações que fazem parte do livro. Caso haja recursos técnicos disponíveis, isso pode ser feito em uma apresentação de slides. Siga anotando o que a turma for percebendo. Depois da primeira análise conjunta, você pode elicitar narrativas, perguntando: O que vocês acham que está acontecendo nesta ilustração? Isso facilitará a passagem ao momento da leitura.

Você sabia?

As ilustrações em Não Podemos Esperar foram criadas especialmente para a obra pelo desenhista Fabi Flor e você conhecer melhor o trabalho dele no instagram em **@_fabi_flor_**.

Leitura

Para o momento de leitura, além do trabalho mais intensivo com as imagens, você pode selecionar trechos da obra que conversem com questões que vêm despertando o interesse da turma ou que você considere relevantes para o momento que estão vivendo. Aqui, sugerimos alguns trechos:

1) *"Acordo assustada..."* (pág. 21-23) – este trecho está relacionado à ilustração da página 20. Isso facilita a exploração dos elementos verbo-visuais em conjunto, incentiva a leitura do livro por conta própria, bem como a exploração de narrativas criadas pela própria turma.

2) *"Eu só quero ver o sol!"* (pág. 25-27) – este trecho está relacionado à ilustração da página 24. Funciona pelos motivos citados acima e, nenhum dos dois trechos entrega muito da história, ou seja, não dão *spoilers*.

3) *"MEDO. Medo de estar vivo!"* até "[...] *colada em nosso destino*" (terceiro e quarto parágrafos da página 36) – este trecho funciona mais quando a turma já entende que as personagens principais foram congeladas, mas também não entrega muitos *spoilers*. Abre espaço para a discussão do racismo estrutural e de sua vivência. Quais são consequências psicológicas e traumáticas que o racismo e sua prática violenta imprimem nos corpos pretos? Devemos refletir e materializar quais os impactos do racismo na vida dos cidadãos afrodescendentes no mundo. Algumas questões difíceis, mas necessárias: Como você se sente sendo alvo preferencial da polícia? Como é não se sentir parte de um padrão de beleza? Como é não

se ver representade na tevê brasileira, sendo que o Brasil é composto por 54% de afrodescendentes? Que referências de beleza isso constrói? Por que você não pode se sentir à vontade em bairros tradicionalmente ricos e brancos?

4) *" – Devolveram as obras de artes roubadas..."* até "[...] *quem devolve?"* (últimos parágrafos da página 39) – este trecho não contém *spoilers* e abre espaço para a discussão de como a cultura brasileira e o próprio conceito de identidade nacional são baseados nas africanidades. O samba, a capoeira, a religiosidade, nossos sotaques, todos elementos da tal "cultura nacional" que, até pouco tempo, eram entendidos como retrocesso cultural, selvageria ou vadiagem, tornaram-se o centro de uma campanha de embranquecimento (ver **eugenia)**, capitaneada por intelectuais endeusados contemporaneamente. Por que houve essa súbita conversão e adesão do Brasil às suas origens africanas? Será pura conveniência, já que japoneses, alemães e italianos não deixaram que suas culturas fossem abrasileiradas?

A partir dessas ou de outras microleituras de sua escolha, é possível recuperar elementos da vivência da turma que serão fundamentais para a fase seguinte do plano de aula. Como vamos propor a criação de um material visual, é interessante que o debate recupere referências visuais sobre o que está sendo discutido. Caso seja possível, busque imagens com a turma na internet ao longo da leitura e do debate. Por exemplo, caso vocês decidam discutir o impacto do racismo em seu cotidiano, podem buscar imagens de representatividade negra como ponto de apoio para o trabalho posterior.

Você sabia?

O programa Diz Aí, do Canal Futura, comenta, em breves episódios, sobre as sequelas do racismo diário vivenciadas por corpos pretos, como descrito em Não Podemos Esperar. Entender como essas sequelas se manifestam pode ser um diagnóstico importante para superarmos alguns traumas. Recomendamos o **episódio 1** e o **episódio 2** da série.

Pós-leitura

Sugira à turma que faça uma história em quadrinhos no gênero ficção científica com base no acabaram de ver, ler e discutir. Caso a turma não tenha intimidade com o gênero, você pode selecionar exemplos e pedir que identifiquem os elementos mais comuns nesse tipo de história. Caso contrário, o trabalho pode ser feito em duplas (para aulas presenciais) ou individualmente (para aulas on-line). Nesse ponto, você pode enfatizar que elementos visuais são mais específicos da ficção científica com base nas análises da pré-leitura (ainda anotadas anteriormente no quadro) e no que foi sendo discutido.

Proposta 2: Futuros Alternativos

Objetivo: trabalhar os aspectos sociológicos, narrativos e linguísticos de construções discursivas de futuro.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Não Podemos Esperar* ou capítulo cinco do livro (páginas 29-33);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).
- ✔ Materiais ou aplicativos para escrita.

Pré-Leitura

Não Podemos Esperar toma como ponto de partida cronológico um momento bem recente da nossa história: as manifestações da campanha *Black Lives Matter* em 2020. Mesclando evento histórico à ficção, tece sua narrativa de uma forma que pode ser compreendida com uma leitura dirigida do capítulo cinco.

Como preparação à leitura, sugerimos que você pergunte à turma sobre as manifestações da campanha em questão, elicitando conhecimentos que já tenham em relação ao tema. Você pode preparar uma série de slides (para uso presencial ou à distância) com imagens, manchetes e opiniões sobre o evento, fomentando o debate.

Leitura

Apresente à turma o capítulo indicado. Leia com a turma em voz alta. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Aproveite para perguntar à turma, logo após a leitura, sobre qual foi a sensação de ouvir/ler um texto que se refere a um evento contemporâneo ocorrido no Brasil.

Pós-Leitura

Proponha um exercício de produção textual em que a turma reflita, individualmente ou em duplas/trios, sobre como estará o cenário sócio-político e econômico de nosso país no futuro, tomando como base o *Black Lives Matter* ou outros movimentos pelos direitos civis e humanos. Uma indicação precisa de tempo pode ajudar. Algo como "daqui a cinco anos", "daqui a dez anos" ou uma combinação de múltiplos períodos, de acordo com o seu interesse.

Você sabia?

Uma atividade como a que acabamos de descrever pode ser potencializada a partir da criação de um RPG (Role Playing Game) baseado na trama do livro. Como RPGs se apoiam na construção de mundos, personagens e interações com regras bem próprias, educadores que conheçam essa metodologia podem oferecer à turma situações fictícias de tomada de decisão inspiradas por eventos reais. Para isso, é necessário preparar o caderno de mestre do jogo, as fichas de personagens, dados e incluir a todes em cada rodada.

Leia os textos produzidos com a turma e peça a todes que se posicionem em relação a como se veem diante desse cenário. Esse exercício tem o objetivo de fomentar uma reflexão a respeito do atual cenário político do país, bem como dos seus alicerces. Além disso, apresenta à turma a importância, as consequências e as conquistas dos movimentos ativistas, em suas manifestações de rua e na esfera digital. Ao final do exercício, você pode iniciar um debate sobre como cada alune se vê na situação que acaba de prever e sobre o que podemos fazer, hoje, para contribuir com o futuro.

Fala, Israel!

Gostaria de deixar algumas outras obras de referência para os temas tratados no livro: ***"Pequeno manual antirracista"*** *de Djamila Ribeiro (Companhia das Letras, 2019);* ***"Quarto de despejo"****, de Carolina Maria de Jesus (Editora Paulo de Azevedo, 1963);* ***"Um defeito de cor"****, de Ana Maria Gonçalves (Editora Record, 2006) e* ***"Olhos d'Água"****, de Conceição Evaristo (Pallas Editora, 2014). Da Editora Nua, indico* ***"Desvio"****, de fulô (2019);* ***"Pés na Terra e Cabeça na Lua"****, de Jéssica Ferreira (2019);* ***"De Quina"****, de Thamires Maciel Vieira (2020);* ***"Pretamorfose"****, de Tati Villela.*

Você sabia?

Além de autor, Israel Neto é produtor musical, editor e rapper, conhecido como Mano Réu. Várias de suas músicas conversam com o conteúdo de sua obra escrita. É o que vemos na música "**Raiz**", integrante do álbum Reinvenção (**Timbres Produções**, 2012), escrita por ele e por Meire. Ouça **aqui** e pense novas conexões para suas aulas.

O QUE ALMEJO É TI ENCONTRAR

E QUANDO TE VER LAGRIMAS VÃO ROLAR!

POIS AGORA TE CONHEÇO E SEI DA EU ONDE VIM

FALEM O QUE QUISER, SOU ÁFRICA ATÉ O FIM

(refrão de "Raiz")

Fala, Israel

Como foi escrever *Não Podemos Esperar*?

O livro **Não Podemos Esperar** *é uma obra genuinamente afrofuturista, isto é, a trama se passa no futuro, explora diversas tecnologias, os protagonistas são negros/negras, há uma ligação entre ancestralidade e contemporaneidade e, por fim, ela projeta a superação de diversas opressões fruto da escravidão a partir da sapiência milenar da África e dos africanos nascidos fora do continente. Os conceitos fundamentais deste gênero da ficção cientifica somados a minha recente apreciação das obras de James Baldwin e do cineasta Kenny Leon, especificamente o Livro Giovanni e o filme American Son além de uma pandemia sem precedentes para a humanidade neste século, me colocaram em um fim de semana frente a frente aos meus medos, sonhos e ansiedades. Esses sentimentos escritos e personificados em Anya, Nubia e Mateus deram vida a* ***Não Podemos Esperar.***

Além do desafio auto imposto de concluir uma obra literária em um fim de semana, outros desafios se apresentaram naturalmente. Entre eles, descrever uma África que, comovida pelos crimes cometidos contra seus filhos nas Américas, entendeu seu poder econômico e central no mundo e usou isto a seu favor. Outro desafio, este menos complexo, foi desenhar um Brasil que se afunda cada vez mais na lógica da hegemonia radical cristã e no apagamento da sua história e crimes. Entre eles, a ditadura e a escravidão, em troca de uma unidade baseada em um neoliberalismo não praticado em terras tupiniquins, tudo isso novamente liderado por militares detentores da força e da ideologia do estado. Porém, a parte assustadora não era a já previsível tradição brasileira para o autoritarismo e, sim, a já conhecida prática de extermínio da juventude e da população negra, ganhando proporções cinematográficas com casos recorrentes na vitrine do mundo, a América do Norte.

Esse caldeirão de esperança, leitura de conjuntura e medo deu vida a **Não Podemos Esperar.**

Uma mensagem de Israel para quem ensina

Queridos amigos e amigas, gigantes da educação, é um prazer poder compartilhar com vocês alguns dos nossos medos e vários dos nossos sonhos de reconstrução e de elevação das intelectualidades e afetos negros e pan-africanos. Minha vida literária se deve a escola: realizei, entre 2008 a 2012, oficinas chamadas Escola da África, com diversos educandos e educandas de duas escolas públicas aqui da zona norte de São Paulo. Esse rico trabalho me rendeu um livro, ***Amor Banto em Terras Brasileiras*** *(Kitembo Edições Literárias do Futuro, 2018); um reconhecimento, o Prêmio Jovem Brasileiro; um trabalho de editor na Coleção Literária Besouro e o melhor de todos os presentes: apresentar as diversas Áfricas a mais de trezentos adolescentes e crianças. Muitos deles reconhecem a contribuição desse espaço no entendimento de que o mundo vai muito além das filosofias gregas, dos reinos europeus, das civilizações da Ásia. O mundo também começa na riqueza milenar da diplomacia Egípcia/Cushita, na riqueza de Sundiata e no orgulho do povo Banto.*

Essa perspectiva histórica é escondida, dia após dia, de diversas crianças, adolescentes e jovens. Garantir que seja analisada é, sem dúvida, um direito humano que professores têm a grande oportunidade de oferecer. Erroneamente, olhamos para as Áfricas pelo prisma da escravidão e, às vezes, até as romantizamos, bem como a seus maléficos frutos – essa romantização pautou parte da nossa literatura e parte das produções audiovisuais brasileira. Mudar o foco dessa narrativa é abrir caminhos para diversos mundos e o universo da imaginação também está nessa disputa. Pensar o fantástico, sonhar, devanear não pode ser um privilégio. Há jovens bem vividos e bem acomodados em suas casas-palacetes. Porém, a bela adormecida talvez não caiba na vivência das meninas negras; as sagas dos deuses nórdicos talvez não se encaixe na vivência de adoradores e descendentes dos orixás, e um espaço só com pessoas brancas não pode ser tolerado por parte de seus inteligentíssimos alunos e alunas. Daí, eu lhes apresento o Afrofuturismo em que este meu livro está alocado, um gênero literário que navega pela literatura fantástica a partir do olhar pan-africano, tendo como seu maior divulgador a produção cinematográfica ***Pantera Negra*** *(Marvel Studios, 2018). Apresentem, pesquisem e mostrem para seus queridos alunos e alunas esses universos pretos e os estimulem a navegar por eles.*

Uma mensagem de Israel para quem quer escrever

Queridos amigos e amigas, colegas de trabalho, por trás de toda utopia e até inocência a que o livro se propõem no que diz respeito a um futuro resolvido pela unidade africana, há temas urgentes que precisam ser tocados, discutidos e sentidos: o racismo, as marcas físicas do racismo, o estado brasileiro e seu racismo estrutural, e, claro, o sentimento de solidão que as juventudes negras experimentam, dia após dia, quando diversos ***George Floyds*** *são mortos nessas terras, sem nenhuma repercussão ou mobilização. Convido e instigo vocês a serem as vozes que vão repercutir tais crimes, pensando em possíveis saídas, soluções e avanços. Isso também é Afrofuturismo.*

Espero que esta encontre vocês bem e nos vemos em algum livro por ai!

Uma mensagem de Israel a leitores

Queridos leitores e leitoras, agora confidentes... Sim, confidentes: cada pessoa que me dá a honra de ler algum dos meus livros se torna, automaticamente, meu confidente. É nessa plataforma das letras que deposito alguns sonhos e angústias. Ponho nela alguns dos meus estudos e floreios literários. A arte me apresentou mundos que, talvez, dissessem que não eram pra mim.

Essa mesma arte fez com que eu superasse algumas barreiras que me impediam de olhar para além da minha rua. Infelizmente, outras barreiras ainda estão fixas e firmes. Vocês serão responsáveis por deixar o mundo melhor, já aviso! Não conseguiremos fazer tudo. Porém, como indica o enunciado da obra, não podemos esperar...

Não podemos esperar que outros falem contra o racismo: este papel é nosso! Não podemos esperar uma divisão justa dos trabalhos, empregos e salários: reivindiquemos agora! Não podemos esperar que alguma morte violenta gere comoção: que todas as mortes sejam vistas como cruéis! Não podemos esperar de quem patrocinou nosso tráfico transatlântico uma oferta de paraíso. Não podemos esperar para vivem bem! Há muitas coisas que não podemos esperar: tem algo em mente?

O chamado é para a ação, mas não estou chamando vocês para as ruas desesperadamente. Estou chamando vocês a sonharem, estudarem, projetarem, se comunicarem, essas são as armas em disputas que nos oprimem desde que os primeiros africanos e africanas foram retirados forçadamente da África.

Até logo! Afinal, adeus é pra quem não se verá mais, e eu espero reencontrar vocês nas páginas, telas e fones com suas mensagens poderosas e afrofuturistas...

Obs: optamos por destacar os nomes de povos africanos com iniciais maiúsculas, dado o enfoque do material. Você pode discutir essa opção com sua turma - ela tem sido muito utilizada por autores afrofuturistas.

ISRAEL NETO
NÃO PODEMOS ESPERAR

vos e daqui a uma década nos reunimos pra
de novo. Quando a gente morrer, se um dia
erá ao som de Bowie. Vai ser ao som de Liniker.

(

abrir o Grindr. Não quero mais saber quem tem
ão tem, quem é passivo e quem é ativo, quem é
o é. Não vou mais dividir atenção com ninguém
m outro significado. Não sou mais o cara que roda
de relações frívolas, não sei se buscando ou fugin-
. Conheci todas as casas do meu bairro, quiçá do
ei na desordem de todas elas e não gostei das suas
Troquei fluidos com três mil homens e apodreci.
hando na minha volta e pra você separei o que ficou
em mim. Não me interessam os boys nas saunas. Não
sam quem são os homens que se escondem atrás das
Arpoador. Não me interessa a Rua Coronel Tamarindo,
óxima década, vai trocar de nome. Não me interessam
bonitos no banheiro anárquico da Estação Antero de
nem os motéis da Avenida Brasil. Não vou mais ajoelh
guém. Não vou amar mais ninguém no escuro. Não v
nguém por apenas dez minutos.

curei em todos os lugares. Atravessei muitos quarto
ne perdi no coração de alguns meninos e na boca
nas que me enfeitaram a vista, mas que não pa
relas. Eu não saberia fazer o belo daiquiri que
se não fosse por um deles, por exemplo. Simul

e quedas de braço, disse Reinaldo Arenas. Mas não se preocupe
porque não restou nem excitação nem saudade dessa busca. A
procura ao amor terminou em você e eu o encontrei. No início
ainda vasculhei outros endereços, mas chega de terrenos baldios.
de vende-se e alugam-se quartos para homens solteiros.
ão sem saída.

te se conheceu. Eu poderia
nce, mas com coi-
lho com

KAIO PHELIPE

Para o homem descansando ao meu lado

NOÚA

outra história

Para o Homem Descansando ao Meu Lado

Porta de entrada: que tal começar lendo um trechinho?

"É necessário tornar os mapas, públicos. A rua é parte da biografia de nossos pés. Aluguei uma bicicleta, você se sentou no quadro e pedalamos as três ruas que separavam nossas casas. Avenida Brasil, Ponte Rio-Niterói, Alameda São Boaventura. A distância tinha que compensar. Fizemos a travessia depositando todas as nossas fichas em nós mesmos. Contemplávamos uma paisagem particular. Um menino nervoso pra conhecer a sogra e um contando piada. Apressamos pra não atrasar o horário do almoço. A coragem ficou presa nos guindastes e girafas na Baía de Guanabara. Mas estufei o peito e fui. Conhecer a sogra é um dos bens mais genuínos que pode acontecer na vida de uma bicha: a gente vira filho.

Você funciona como um mapa."

(trecho de Para o Homem Descansando ao Meu Lado, páginas 34-35)

FICHA TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Gênero: Novela (romance curto)

Temas: Lgbtqia+; homotransfobia; performances de gênero; relacionamentos; intimidade; amor; paisagem urbana; ocupação urbana; Rio de Janeiro

Inovações linguístico-literárias: experimentação com formato epistolar (carta longa); parágrafos longos e pontuação alternativa, como recurso de coerência e coesão criativos; utilização do bajubá ou pajubá; inclusão de referências da literatura, da música e do audiovisual lgbtqia+, negre e ativista na composição da estrutura narrativa

Apresentação

Na escola, a leitura de *Para o homem descansando ao meu lado* é importante para começarmos a discutir a naturalização da existência comum a homens gays, entendendo que essa existência comum é regada de violências, passando por dificuldades tão grandes quanto as do "estar no armário", mesmo depois de um "assumir-se gay" socialmente. É importante para que, desde a sala de aula, comecemos a entender os compromissos que devemos ter, como sociedade, para reverter esse quadro. A literatura contemporânea cumpre uma função que vai além do lazer: serve de documento para a época em que vivemos. Apresenta-nos vidas diferentes das nossas, com suas complexidades e delicadezas que podem, então, ser discutidas abertamente em espaços educacionais.

Pajubá: O pajubá (ou bajubá) é um dialeto travesti de origem negra, amplamente utilizado pela população lgbtqia+ e pelo chamado "povo de santo", os fieis de religiões de matrizes africanas. **Saiba mais aqui.**

Você sabia?

Dá para ver/ouvir uma leitura muito especial do trecho que citamos no início desta seção. Ela foi realizada pelo autor e outros artistas, artivistas e educadores gays como forma de apoiar a campanha de pré-venda do livro. Confira o vídeo no Youtube da Editora Nua ou **clique aqui.**

Fala, Kaio!

Tudo pode ser apresentado na literatura. Não existe uma forma de escrita preferível. Não há um único livro que seja de gosto universal, então ninguém precisa se preocupar com isso. Muito do que escrevo vem das coisas que acesso naquele período. As músicas, filmes, outros livros. Estou sempre atrás de referências e cito muitas delas nos meus textos. Quero que, nas minhas construções, apareçam outros rostos e, às vezes, quero abrir mão do meu, por ser óbvio demais. Uso de mil referências, misturo ficção com o que é biográfico, não costumo fazer uso de diálogos e gosto de situações limites. Mas vivemos em um território de narrativas tão surreais que, muitas vezes, opto apenas por registrá-las do meu ponto de vista. Escrever um texto já é um exercício. É com isso que nós, autores, nos validamos. Escrever sem se preocupar com qual forma é a certa ou a errada e, se for preciso, apresentar um novo modelo e reescrever até que a frase saia como imaginamos. A linguagem tem a capacidade de mudar o mundo.

Proposta 1: O sugestivo, o narrativo e o descritivo

Objetivo: trabalhar textos verbo-visuais, exercitando as tipologias injuntiva, descritiva, narrativa.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Para o homem descansando ao meu lado* ou imagem da capa e de páginas com separadores de texto (mini-luas);
- ✔ Trecho das páginas 14-15 (último e primeiro parágrafo, respectivamente);
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-Leitura

Convide a turma a refletir sobre o aspecto externo de *Para o homem descansando ao meu lado* e a parte visual do miolo – os separadores de textos em formato de mini-lua. Desafie alunes a não lerem a sinopse, realizando apenas uma leitura visual da obra, somada ao que o título e os demais elementos da capa sugerem. Neste ponto, valem algumas perguntas que abrirão caminho para o trabalho com as tipologias descritiva, narrativa e argumentativa. O que a turma acha do título? Será que este livro é dedicado a alguém? Será ficção? Será não ficção? Se é dedicado a alguém, o que se lê nele é uma espécie de carta?

Você sabia?

Para o Homem Descansando ao Meu Lado experimenta com o formato epistolar monológico, ou seja, trata-se de uma grande carta escrita por uma única personagem e endereçada ao homem indicado no título. **Saiba mais aqui.**

Comente sobre os elementos da capa para além do título: a ilustração, o nome do autor e da editora, a tarja. Pergunte como entendem a ilustração. Está adequada para uma capa? O que significa o local e o tamanho do título nesse contexto? Como leem a relação tipo-tarja-ilustração?

Anote as contribuições que surgirem dessa análise no quadro. Ao final, leia todas as contribuições em voz alta e pergunte à turma: Se vocês fossem escrever uma carta a alguém que descansa ao lado de vocês, quem seria essa pessoa? E o que diriam?

Fala, designer!

Para o homem descansando ao meu lado *apresenta em sua capa um enigma. O que temos ali? A ilustração da capa remete à intimidade de um quarto, com uma situação de crepúsculo: anoitecer? alvorecer? Nada está claro, até a cor é lusco-fusco. A tarja do título pode nos remeter a situações de alerta, de atenção. A fonte usada é forte, como notícias importantes, seca, sem volutas ou serifas e está em caixa baixa, um contraste interessante. Em sala de aula, podemos propor um exercício de leitura visual interessante.*

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Peça à turma um perfil de quem acham que escreveu aquele texto. Com quem o Brasil não tem sido generoso, como o texto indica? Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

"Eu vou arrumar um jeito da gente continuar vivo. Para o início proponho que iremos para outro país porque o Brasil não tem sido generoso. Vamos fugir pra outra língua, de repente o espanhol porque é o idioma que elegemos como o mais elegante. Teremos uma casa aconchegante com o muro baixo e receberemos nossos amigos para tomar um café ou uísque. Ajudaremos todo mundo que precisar e faremos algo que irá mudar o rumo do mundo. Vamos passear por outras dimensões, conheceremos alguns países, cafés chiques e livrarias, poderemos falar com propriedade sobre coisas que ainda não conhecemos e teremos uma filha para cuidar e também ouvir nossas histórias. Tudo isso precisa acontecer na próxima década. Porque na próxima década não seremos mais jovens. Envelheceremos em menos de dez anos e não há nada que eu possa querer mais que isso. Eu estou doido pra me ver livre desses últimos tempos. Você é a única coisa que realmente valeu a pena nos últimos dez anos."

(trecho de Para o Homem Descansando ao Meu Lado, páginas 14-15)

Apresente o gênero carta e a literatura epistolar. Comente com a turma sobre a proximidade entre esse trecho e o gênero carta. Explique que uma carta é composta por variados tipos textuais. No trecho lido, não conseguimos ver todos eles, pois trata-se de um recorte criativo e experimental. Você pode apresentar um modelo simples de carta e comparar com a experimentação que Kaio faz no texto ficcional.

Fica a seu critério decidir se utilizará os nomes técnicos dos tipos textuais ou suas funções para explicá-los à turma (exemplo: tipo injuntivo = quando nos dirigimos diretamente a quem lê/ouve). Você pode apenas mostrar a diferença entre as funções, dependendo de como esteja trabalhando seu conteúdo.

Peça que identifiquem os tipos que predominam no trecho. Exemplo: "Você é a única coisa que realmente valeu a pena nos últimos dez anos" (injuntivo).

Fala, editora!

Uma das coisas mais legais de editar o texto do Kaio Phelipe é a sensação de intimidade que ele constrói: temos um homem se revelando a outro homem e é como encontrar um tesouro, uma caixinha de cartas há muito esquecida dando testemunho do amor de alguém. Imagino que várias atividades possam ser feitas em sala a partir dessa ótica: qualquer trecho com começo, meio e fim sugere esse entrar na intimidade de um casal e, como aluna, eu ficaria com vontade de criar minha própria história paralela a partir disso...

Você sabia?

Em seu artigo Gêneros: definição e funcionalidade (2007), o linguista Luiz Antonio Marcuschi discute a relação entre os diversos gêneros (carta, e-mail, poema, etc.) e os tipos textuais. Um dos exemplos que ele analisa é uma carta. **Você pode acessar o artigo aqui.**

Pós-leitura

Convide a turma a escrever uma carta de uma página que pode ser inspirada no que acabaram de ler – uma continuação, algo escrito pela mesma pessoa – ou uma reescrita do trecho, adaptando-o ao formato de carta/e-mail que será mesmo enviado. Neste último caso, peça que insiram as devidas sequências injuntivas ("Oi, tudo bem?"), descritivas, narrativas e argumentativas. Alunes podem ficar livres para serem bastante experimentais no processo, incluindo experiências pessoais, dando tom mais ou menos ficcional, enquanto exercitam o uso das tipologias que compõem o gênero carta.

Fala, Kaio!

Selecionei esse trecho das páginas 14 e 15 para mostrar um pouco da romantização de um casal monogâmico. A vivência de um casal que não é heteronormativo foi construída historicamente em cima do sigilo. No momento em que rompemos com esse histórico e demonstramos publicamente o nosso afeto, nosso interesse sexual e exercemos nosso direito, automaticamente e de forma contínua, colocamos nossa vida e a de quem nos relacionamos em risco.

Proposta 2: Somos Todes Autores

Objetivo: reconhecer a existência e obra de autores que vivem ou viveram perto da escola, encorajando a autoexpressão.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Trecho da página 57 (último parágrafo, depois da mini-lua);
- ✔ Apresentação em slides/fotos de autor(es) do bairro da escola ou adjacências e de algumas de suas obras;
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Para esta atividade, você precisará realizar uma pesquisa prévia e pode ser que não encontre nomes famosos, mas o objetivo é mostrar que há talentos em todos os cantos do país. Caso tenha dificuldades, busque autores, editoras e livrarias independentes, saraus, coletivos e movimentos culturais locais. De posse das informações, dê início à atividade perguntando à turma se eles sabiam que há autores produzindo no bairro onde estudam ou autores que nasceram, já produziram lá. Apresente o material de sua pesquisa: podem ser miniobiografias, fotos, orelhas de livro, páginas de blog, trechos de texto ou quaisquer outros conteúdos que informem sobre a carreira desses autores ou suas obras. Veja se a turma conhece artistas sobre quem também gostaria de falar.

Leitura

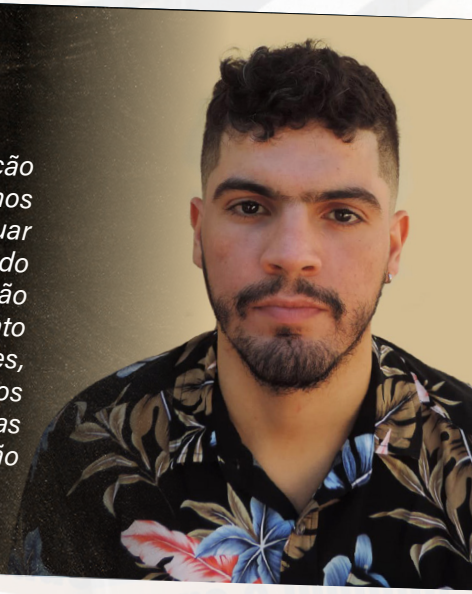
Diga à turma que, agora, vocês lerão um trecho de Kaio Phelipe, autor carioca que já morou em Duque de Caxias, Inoã e, hoje, vive em Realengo. Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

"Quando eu tinha onze anos, me afoguei na praia do Recreio com avisos de tubarão e correnteza. Não tive medo dos tubarões. O estudo das praias começa em perder o medo do mar. Um guarda-vidas me tirou do mar e foi a minha primeira referência do masculino e minha primeira paixão. Foi o primeiro homem que amei depois de Rocky Balboa. Já tive outras paixões, mas nenhuma vingou. Hoje eu posso entender. Você foi a minha segunda referência do masculino, mesmo sem fazer questão de ser homem ou alusão, e é a minha última paixão, pois não acredito em outras. A prova são os rostos que não conheço nos louvando como o casal bonito no Cocomambo, no Nix Bar, no West Side, no ponto final do 383 e em tantos outros endereços. O testemunho é a manicure dizendo que eu te amo pelo jeito que te olho. Há, claro, os repúdios na Rua do Senado, na Primeiro de Março, na Supervia. Viado aprende a mapear os lugares desde cedo, beijando na boca e abrindo olho vez em quando pra ver se não há nada de estranho que nos ameace."

(trecho de *Para o Homem Descansando ao Meu Lado*, página 57)

Fala, Kaio!

Selecionei esse trecho como indicação para mostrar a violência a qual estamos sujeitos. Os espaços estão e vão continuar sendo ocupados e vamos continuar debatendo a violência, esperando que um dia ela não precise mais ser pautada. Só que, enquanto isso não acontece, a gente precisa de aliades, já que em determinados ambientes somos uma única pessoa LGBTI+ e, em determinadas circunstâncias, sofremos violências que não conseguimos atravessar sem apoio.



Pergunte à turma o que achou do trecho lido. O que acharam da menção aos espaços da cidade? Caso estejam fora do Rio, como acham que esses espaços são? O texto fala de experiências cotidianas, corriqueiras, comuns, mas também traz menções à violência e ao risco. Que importância um texto como esse pode ter? É importante que ele tenha sido compartilhado? O que alunes presentes gostariam de dizer sobre suas próprias vivências? A quem diriam? Como? Considere, de acordo com seu próprio conhecimento em relação à turma, que nem todes vão querer se abrir no momento do debate. No entanto, para algumas pessoas, esse espaço pode ser importante.

Pós-leitura

Peça a cada alune que escreva em uma folha separada de caderno algo que gostariam de dizer a outra pessoa. O texto pode se destinar a colegas de turma, professores, parentes, interessentes amorosos ou ídolos. Não haverá necessidade de identificação do remetente e ninguém terá acesso aos escritos além de você, educadore. É bom enfatizar que o escrito não deve ser, de maneira alguma, ofensivo ou constrangedor para ninguém.

Em outra folha separada de caderno, peça a cada alune que descrevam quem seria a personagem principal caso fossem escrever um livro. É preciso que a personagem esteja bem descrita, o que inclui mencionar seu nome, idade, aparência física, profissão, onde vive, quais são seus defeitos, suas virtudes e o que mais se propuserem a escrever para facilitar a visualização. Ainda na mesma folha, peça que escrevam um motivo para que a história daquela personagem exista, uma questão que precisa ser desenvolvida no decorrer do livro.

A ideia desses exercícios é que sejam não avaliativos. Ao final do processo, você pode simplesmente recolher todos os trabalhos e mostrar à turma o quanto existe a ser dito naquele grupo. É importante que você comente todas as atividades com um olhar para o incentivo da produção escrita, anotando o que considera promissor sem apontar inadequações da norma culta ou de estilo consagrado em um primeiro momento.

Possíveis desdobramentos da atividade em aulas futuras

Sem ler os textos ou exigir que ninguém se identifique, apresente à turma pontos convergentes entre as temáticas e personagens construídas nas produções textuais. Exemplo: duas pessoas escolheram descrever personagens negras, cinco pessoas escolheram escrever sobre questões financeiras e futuro profissional. Você pode aproveitar esse momento para indicar obras que lidem com temas relacionados ou apresentem personagens semelhantes para leitura. A atividade também funciona como um mapeamento de interesses, uma forma de conhecer melhor cada alune.

Proposta 3: Discurso de Ódio vs. Opinião

Objetivo: trabalhar a diferença entre opinião, argumento e discurso de ódio.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Trecho da página 50 (segundo parágrafo);
- ✔ Seleção de comentários da internet representando os três escopos discursivos a serem trabalhados: a opinião, o argumento e o discurso de ódio.
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Escreva no quadro ou apresente um slide com os termos "opinião", "argumento", "discurso de ódio". Pergunte à turma se sabem a diferença entre os três termos e como definiriam cada um. Em seguida, você pode pedir que busquem exemplos de cada um deles em seus celulares ou computadores (para o caso de ensino à distância) ou preparar uma apresentação com exemplos caso precise encurtar essa parte da pré-leitura. Aproveite a oportunidade para ouvir atentamente, sanar dúvidas, resolver equívocos e apresentar a importância desse conhecimento para a realização de redações oficiais (de concurso, vestibulares e ENEM, por exemplo).

Você sabia?

Segundo Inara Chagas, o discurso de ódio "é um conjunto de ações com teor intolerante direcionadas a grupos, na maioria das vezes, minorias sociais (mulheres, LGBTs, gordos(as), pessoas com deficiência, imigrantes, dentre outros)." É importante discutir com alunes o impacto que ações aparentemente simples como a publicação de textos têm na vida de pessoas reais a curto, médio e longo prazo. **Saiba mais aqui.**

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

"Ontem dispararam quatro tiros contra um rapaz na Bahia porque ele beijava o namorado. O assassino perguntou antes se a bicha não tinha vergonha de beijar na boca na frente dos outros e aí não teve pudor ao disparar quatro balas. O homem continua assassino, mas a bicha saiu viva e a partir de hoje vai ser assim: todas as bichas vivas."

(trecho de *Para o Homem Descansando ao Meu Lado*, página 50)

Fala, Kaio!

Selecionei esse trecho para mostrar a violência à qual estamos sujeitos. A formação de seres conscientes em relação a homotransfobia e o se deixar educar fazem parte da base da convivência, para que todos ocupemos o mesmo lugar na sociedade, para que o mundo avance em todos os seus rumos, para que tiremos pessoas da zona de perigoso e para que a morte seja interrompida. Vale ressaltar que o discurso de ódio nunca foi e nunca será opinião.

Pergunte à turma o que acharam do trecho. Discuta com eles sobre a relação entre as diferentes opiniões, argumentos e discursos de ódio que analisaram antes e este tipo de evento.

Pós-leitura

Peça à turma que produza um texto argumentativo refletindo sobre os impactos do discurso de ódio no dia a dia de sua comunidade ou do país. Caso se lembrem de um evento mais próximo de sua realidade, podem utilizá-lo como exemplo na construção do texto. Caso não se lembrem, podem utilizar casos que tenham visto em noticiários. Ajude a turma a compreender – durante a construção dos textos e, depois, ao comentá-los – as possíveis diferenças entre opiniões e argumentação no que escreveram.

Proposta 4: Bricolando *Para o Homem*

Objetivo: trabalhar imagens escritas de forma concreta, incentivando a autoexpressão.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Trecho da página 24 (segundo parágrafo);
- ✔ Materiais criativos para colagem e pintura (revistas, tesouras, cola, tintas, sprays, o que for possível) ou programas que gerem efeitos semelhantes.

Pré-leitura

Pergunte à turma se já leram algum texto que sugerisse imagens muito vívidas. Peça exemplos. Que tipo de texto faz com que viagem e "imaginem tudo o que está acontecendo"? E o oposto: que tipo de texto é difícil de traduzir no formato imagem? Qual é a diferença entre esses dois tipos de texto? Aproveite para discutir níveis de concretude e abstração como recursos literários. Você pode apresentar frases construídas com alto nível de abstração, como "A inserção da chave no mecanismo da fechadura produz abertura da porta", e alto nível de concretude, como "Insira a chave na fechadura para abrir a porta". Neste caso, exemplos exagerados ou absurdos podem facilitar a visualização. Explique à turma como o uso de verbos (em ações diretas), objetos, locais de fácil referenciação pode ajudar a tornar o texto mais "visualizável".

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

"Te acompanho nas ondas do Atlântico, tu caminha na frente e meu destino é alcançar suas costas. Nosso Caribe se chama Copacabana e o oceano é o mesmo Atlântico e com essas cores fluorescentes é fácil de enxergar a diferença entre você e intelectuais feitos de pedras roubadas. Meus olhos brilham te vendo construir castelos. Se você fosse um bicho, com certeza seria uma água-viva. Quando eu morava em Inoã, sonhava com Copacabana. Você brincando na areia foi o sonho mais lindo que eu tive lá na minha região e agora é façanha. Agora que algumas conquistas foram feitas, se você quiser, podemos incluir um apartamento no Caribe em meio a nossas utopias e ter a praia no quintal pra você desfrutar quando tiver vontade. Corremos em direção ao Forte e, aos seus passos marcados nas pedras portuguesas, dei o nome de cartografia da paixão. No Forte, vimos que ainda há muito pra ser visto e, no fim do mapa, eu me apaixono de novo. Entre pausas e com o marulho das ondas do Caribe, faço um filme seu explicando a probabilidade das coisas impossíveis, que são diferentes de milagres. No fim do dia, o mar corre nos seus vasos sanguíneos e é nítida a diferença entre você e qualquer ser humano".

(trecho de *Para o Homem Descansando ao Meu Lado*, página 24)

Pergunte à turma se consideram esse texto mais fácil ou mais difícil de visualizar, mais concreto ou mais abstrato? Peça que indiquem exemplos extraídos do texto que corroborem sua análise. Pergunte à turma que tipo de produções acham que esse trecho poderia inspirar? Aqui, sugerimos uma chuva de ideias que fará a conexão com a atividade de pós-leitura.

Pós-leitura

Proponha à turma que "traduza" o trecho que acabou de ler em imagens. O trabalho pode ser individual ou em duplas/grupos, dependendo da realidade de cada grupo. Os resultados podem ser desenhos, colagens, grafitti, vídeos ou fotografia. Podem, ainda, ser trabalhos mistos. O importante é tentar capturar o clima do trecho lido e dar a ele expressão visual. Ao final do exercício, autores deverão apresentar à turma o que fizeram, explicando suas escolhas e motivações. É interessante expor esses trabalhos, presencial ou virtualmente.

Fala, Kaio!

Como foi escrever *Para o Homem Descansando ao Meu Lado*?

Não tenho um passo a passo que funcione como processo de escrita. A única decisão prévia é o querer me tornar autor e me pôr a pensar. Porém, antes disso, eu tive que me descobrir leitor e, depois, descobrir o que eu gosto de ler. Fui um grande consumidor da literatura norte-americana comercial por pura paixão. Depois, corri atrás dos grandes clássicos, achando que isso era obrigatório antes de dizer que gosto de ler e também para parecer que sou um pouco mais inteligente. Só que, para mim, a missão não funcionou. Eu não gostava e não entendia boa parte desses livros famosos.

Em determinado momento, quando tive contato com uma literatura que me representa, comecei a levar a sério o desejo de escrever. Na literatura contemporânea feita por pessoas LGBTI+ e/ou brasileiras, estou diante de assuntos que são do meu interesse e comecei a ver alguns cenários como possíveis: seja pelo argumento seja por uma questão de linguagem e domínio. Enquanto os livros norte-americanos e os clássicos são traduzidos para um português extremamente formal, em livros nacionais contemporâneos, eu vi uma comunicação muito mais próxima a mim. Nunca fui de ler os livros paradidáticos obrigatórios e, quando lia, era sempre horas antes das avaliações, querendo saber o básico para ter uma nota razoável. O que me salvava eram os resumos de quem tinha dedicado o tempo a ler. Tudo isso porque a história da literatura chegava a mim de uma forma difícil de ser compreendida.

Só fui ler Machado de Assis para tirar a prova real de que os livros dele não me geram interesse. Então, quando me propus a digitar um livro, foi importante, para mim, dar a possibilidade de que outras pessoas se identificassem com o texto e não dificultar a compreensão de quem lia.

Ainda sobre um possível processo de escrita, tive que lidar com circunstâncias nem um pouco favoráveis. Na minha cabeça, a imagem de um autor sempre existiu dentro de um lugar de conforto, já que isso era retratado nos livros que eu lia, ainda que de forma subentendida. Com uma rotina de trabalho e estudo, passando por meios de transporte, divisão de tarefas domésticas, namoro, sobrevivência social, cansaço e lidando com internet caindo e o computador dividido em uma casa com cinco pessoas, conforto e tempo para escrever estiveram ao meu alcance poucas vezes. Nunca pude colocar a escrita como prioridade ou pensar que eu me dedicaria a escrever todos os dias. Mas, nessa literatura que me representa, o desconforto de quem escreve é evidente. Então, para eu ser autor, gostar do que escrevo e discutir o que para mim é urgente, decidi que essa exaustão do meu dia-a-dia faria parte do meu texto de alguma forma. O que eu vejo no trajeto casa-trabalho, o que meus amigos e eu discutimos, situações que vivo com quem me relaciono, absurdos políticos do país, tudo tem o potencial de ser escrito.

Usei muitas referências em Para o homem descansando ao meu lado*. A maioria esmagadora é de nomes de pessoas LGBTI+, mas também tentei incluir nomes de artistas negros, brasileiros e/ou soropositivos. Todos valem o tempo e a dedicação. A começar pelos nomes de Josimar Pereira Costa, Atena Beauvoir, Márcio Januário, Dara Bandeira, Juca Xavier e de toda equipe da Editora Nua, Sabine Mendes Moura, Amanda Bougleux e Cecília Leal. Há inúmeras histórias por detrás da empreitada.*

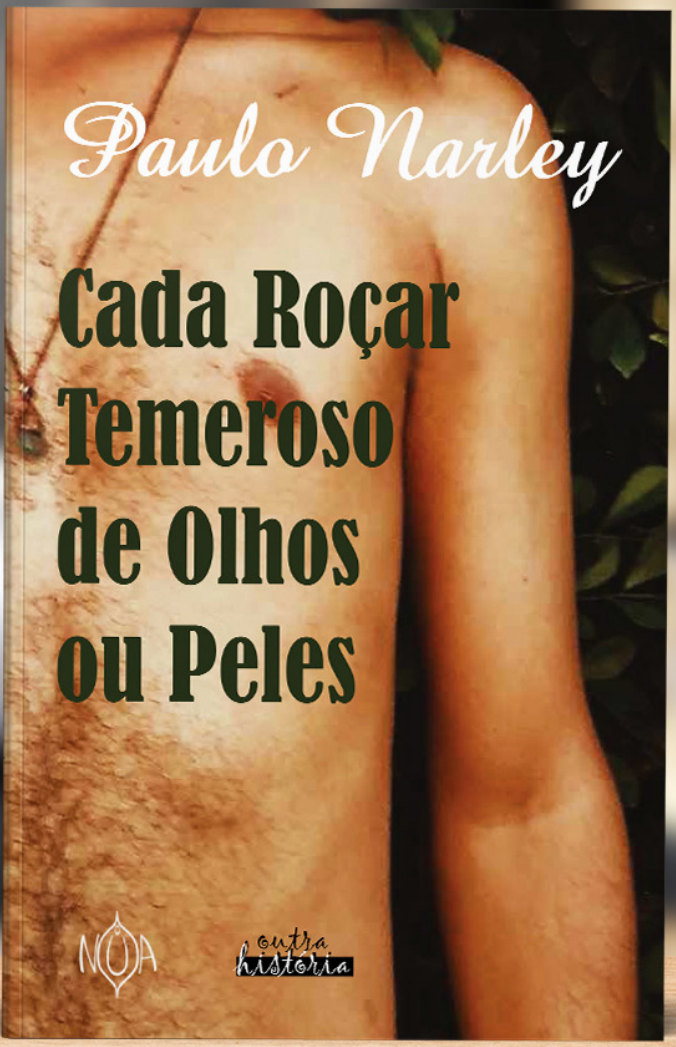
Os lugares citados em Para o homem descansando ao meu lado *estão em desacordo com o que se espera da literatura produzida em terreno carioca. Os trajetos, obrigatoriamente, onde quer que seja, precisam ser vistos por dois lados. A incontestabilidade geral dos lugares foi imposta por quem optou pelas guerras. Mas nós, o lado oposto, estamos dispostos a construir novos mapas.*

Uma mensagem de Kaio a quem quer escrever

E aí, professores, alunes e companheires de histórias. Como estão?

Eis a mensagem que gostaria de deixar a vocês. Quando a gente tem um nome, a gente tem adiante uma história. Podemos retificá-lo. Esquecê-lo. Podemos escrever um diário ou ficcionalizar o eu. Podemos imaginar um universo que não existe, escrever as coisas que temos vontade de fazer, um sonho, fanfics*, alguém com super poderes, histórias entreouvidas. Respeito é a única obrigação que a gente tem que ter quando nos propomos a escrever. Máximo respeito. Por conseguinte, faço-lhes o pedido: escrevam!!! Verão o poder que isso contém.*

KAIO PHELIPE
Para o homem descansando ao meu lado
NOVA
outra história


Paulo Narley
Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles
NOVA
outra história

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles

Porta de entrada: que tal começar lendo um trechinho?

"Tentei ser tudo aquilo que eles cantavam ao meu redor aos domingos, mas me sentia estúpido cada vez que me ajoelhava no chão frio, apoiava minhas mãos na madeira dos bancos e rezava pedidos para que eu pudesse ser o menino que eles sempre quiseram. Mas eu não era. Nunca consegui ser. Então, gritava cada vez mais alto para dentro de mim e me afundava num mar de trejeitos que não conseguia evitar. E tentei, enquanto corria pelas multidões de mim, encontrar algum lugar para o descanso e não houve. Ninguém me ouvia, não importava o quão alto fossem meus gritos de não quero mais isso aqui".

(Trecho do conto "*Carta de deixar partir*", de
Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles, páginas 31 -32)

FICHA TÉCNICO-PEDAGÓGICA

Gênero: Contos

Temas: Lgbtqia+; homotransfobia; performances de gênero; relacionamentos; intimidade; solidão; conflitos familiares; conflitos de base religiosa

Inovações linguístico-literárias: experimentações em primeira e terceira pessoa; hibridismo ficção-manifesto no conto "Banheiros" a partir do título; utilização de títulos como chaves de leitura dos contos; estrutura da obra baseada em jornada mítica do herói

Apresentação

Em espaços educacionais, a obra ***Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles,*** de Paulo Narley, pode trazer novas perspectivas sobre o que é não se sentir pertencente ao mundo em que se vive e no qual se foi criado. A diferença, construída a partir da negatividade, abre espaço para diferentes discussões, protagonizadas por quem não é o que esperam que seja, quem não cumpre os estereótipos de cisgeneridade propostos em uma sociedade homo/trans /lesbofóbica como a sociedade brasileira contemporânea. Também acolhe alunes homo ou transexuais, que terão a possibilidade de se verem como protagonistas dos contos, e aspirantes a escritore, que verão algumas possibilidades de tradução de suas vivências e sentimentos no meio literário. A obra pode ser usada em aulas de Português /Literatura, mas também em outras disciplinas e em projetos transdisciplinares.

Cisgeneridade: Segundo o psiquiatra Alexandre Saadeh, o termo cisgeneridade indica "uma pessoa que tem anatomia, sexo e biologia alinhados com o gênero ao qual se identifica". Pessoas cisgênero representam apenas uma parcela da população mundial. No entanto, seus padrões de performance e comportamento são normalizados como naturais socialmente. **Saiba mais aqui.**

Fala, Paulo!

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles *pode ser utilizado em aulas de Biologia para questionar a ideia de que o gênero é definido biologicamente. Segundo Connel e Pearse (2015, p. 47), o gênero é "uma estrutura social. Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano. É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formadas por esse padrão". Assim, a obra pode ajudar a ampliar a visão relacionada a essa temática.*

Você sabia?

Raewyn Connel e Rebeca Pearse escreveram o livro Gênero: uma perspectiva global, traduzido para o português por Marília Moschkovich e publicado pela Editora nVersos (2015). Ele pode ser uma boa referência para o seu trabalho, indicada pelo autor. **Acesse o livro aqui.**

Proposta 1: Pele sobre pele

Objetivo: trabalhar textos verbo-visuais, encorajando a autoexpressão.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles* ou imagem da capa;
- ✔ Trecho do conto "*Do começo do que eu não sabia*" (segundo parágrafo, página 28);
- ✔ Materiais criativos para colagem e pintura (revistas, tesouras, cola, tintas, sprays, o que for possível) ou programas que gerem efeitos semelhantes.
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Mostrar o livro, comentando sobre a capa, sua ilustração, o título, o nome do autor e da editora. Se houver recursos, a capa pode ser colocada ampliada no quadro. O que lemos nessa imagem? Esse corpo está vivo? Por que está cercado de folhagens? A fonte do nome do autor é diferente, mais desenhada. Por quê? O título ocupa quase toda a altura da capa: ao que você atribui esse comportamento tipográfico?

Estimular que a turma exprima suas opiniões. Anotar cada contribuição no quadro ou em aplicativo semelhante para o caso de aulas on-line. Ao final, ler em voz alta, com todos eles, o que a turma percebeu da capa do livro que vão ler.

Fala, designer!

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles tem uma capa curiosa. Um close do tórax de um homem sem camisa, cercado de verde. Partindo da capa, é possível discutir com os alunos a construção dessa opção visual para ser a cara da obra.

Você sabia?

Várias obras abordam a importância da leitura e escrita multimodais na escola, tópico também enfatizado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Aqui, temos sugerido atividades de trabalho com textos visuais e verbo-visuais. Portanto, vamos deixar duas referências de nossa designer sobre o tema:

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** São Paulo: Cia das Letras, 2001.

BERGER, John & MOHR, Jean. **Another way of telling:** A possible theory of photography. New York: Pantheon Books, 1982.

GARFIELD, Simon. **Esse é meu tipo:** um livro sobre fontes. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

> *"A mãe, sempre com um terço, em uma noite engolida pelo escuro, mandou que eu tirasse aquele corpo-pecado de dentro da casa que era dela e onde não me cabia, se eu não aceitasse o nome que o batismo sagrado me deu ainda em sua barriga, antes mesmo de eu saber ser. O pai, que não podia nunca aceitar filho travesti, encheu meu rosto de murros arroxeados, numa tentativa de tirar de dentro de mim o demônio que havia tomado o menininho deles para si."*
>
> (trecho de *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles*, página 28)

Pergunte à turma sobre que conexões veem entre a composição da capa e o trecho que acabaram de ler. Como o corpo aparece nesse trecho? Como entendem a expressão "corpo-pecado"? O que significa, no trecho e para a turma, "antes mesmo de eu saber ser"? Por que acham que o autor usa artigos definidos para se referir à própria mãe e ao próprio pai – "a mãe" e "o pai" em vez de "minha mãe" e "meu pai" –, considerando que o texto segue em primeira pessoa?

Fala, Paulo!

Este parágrafo foi pensado levando em consideração a interferência religiosa na sociedade e como líderes religiosos impõem modelos de ser como os únicos permitidos aos sujeitos. Além disso, há também a forma como esses conceitos religiosos adentram as famílias e atingem os corpos que não se moldam ao esperado.

Pós-leitura

Peça à turma que discuta as influências que uma ou mais religiões e religiosidades podem exercer sobre nossos corpos. Veja se sentem à vontade para discutir como essa influência chega até cada alune. Em seguida, proponha a todes que traduzam as influências da religião e dos padrões sociais sobre seus corpos em imagens. O trabalho pode ser individual ou em duplas/grupos, dependendo da realidade de cada grupo. Os resultados podem ser desenhos, colagens, grafitti, vídeos ou fotografia. Podem, ainda, ser trabalhos mistos. O importante é tentar capturar o clima do trecho lido e dar a ele expressão visual. Ao final do exercício, autores deverão apresentar à turma o que fizeram, explicando suas escolhas e motivações. É interessante expor esses trabalhos, presencial ou virtualmente.

Proposta 2: Qual é o tema?

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Livro *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles* ou arquivos/impressões dos contos "Roupas" (páginas 11-12), "Do começo do que eu não sabia" (páginas 27-28) e "Bênção" (páginas 29-30).

Pré-leitura

Converse com a turma sobre a facilidade/dificuldade de descobrirmos os temas centrais em uma obra. Aproveite para discutir exemplos de programas de tevê, séries, músicas que muites conheçam e identificar, em conjunto os temas abordados por eles. Dependendo da faixa etária com que você estiver trabalhando, pode indicar que um dos problemas mais comuns em redações é a dificuldade que alunes têm de identificar o tema pedido. Portanto, trabalhar para identificar temas centrais em diferentes obras pode acabar ajudando na hora de produzirem sua escrita.

Leitura

Para quem estiver trabalhando em ambiente presencial, a sugestão é que os contos selecionados sejam lidos pela turma, divida em grupos, um conto por grupo. Antes da leitura, você pode checar o vocabulário e explicar o significado de palavras mais complexas.

Você sabia?

Nessa atividade, a leitura em voz alta de certos termos, expressões e formas de expressar a sexualidade é importante, pois pode levar à reflexão sobre cisgeneridade, homo e transexualidade, bem como de suas realidades sociais. Isso pode provocar o tão necessário diálogo sobre representatividade, sobre expectativas quanto a papéis sociais e sobre a afirmação de si.

O objetivo da atividade é que os grupos identifiquem os temas centrais de cada conto e justifiquem suas respostas com trechos do texto. Assim, um membro do grupo lê em voz alta, todes fazem anotações, discutem ao final da leitura e chegam a conclusões sobre a temática.

Para quem estiver trabalhando em ambiente virtual, a sugestão é que a mesma atividade seja realizada ao longo de três aulas (uma por conto), sem divisão de grupos, seguindo a mesma proposta.

Fala, Paulo!

A partir do conto "Roupas (ou pequenas coisas de meninos)" *é possível discutir o modo como as expectativas de gênero são materializadas através de nosso corpo, especialmente com aquilo que vestimos. A partir do conto "Do começo do que eu não sabia", é possível realizar uma discussão a respeito das mais diversas formas de violência que a população LGBTQIA+ sofre diariamente tanto no ambiente escolar como fora dele. Com o conto "Bênção", podemos trabalhar a temática da rejeição e falta de apoio por parte da família em relação às pessoas LGBTQIA+, especialmente no que diz respeito a pessoas trans.*

Ao final do trabalho dos grupos, peça que exponham os temas que identificaram e os trechos de cada conto em que se apoiaram para chegar a suas conclusões. Você também pode perguntar à turma sobre como veem a diferença no clima emocional dos textos.

Você sabia?

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles é um livro de contos cujas seções se dividem em momentos de primeiras experiências, interações com o meio e sublimações. Essa lógica pode ser associada à da jornada do herói, proposta por Joseph Campbell, em seu livro **O Herói de Mil Faces** (Editora Cultrix, 2004).

Fala, editora!

Acho que, na obra de Paulo, temos muito a jornada do herói de Joseph Campbell. Quando comecei a editar, acreditei que se tratava de uma ideia de início, meio e fim. Na verdade, é uma ideia de nascimento, quase morte e ressurreição, passando pelos entremeios desse trajeto, sem que haja um final necessariamente fácil ou feliz. O que existe é um final conciso, de identidade muito consolidada e certa. Uma ficção não ficcionalizada, cheia de vivência a cada palavra e no fica entreouvido. A estrutura da obra permite a visualização dessa jornada de uma maneira verdadeiramente inesperada.

Proposta 3: Criminalização da LGBTQfobia

Objetivo: discutir um processo jurídico recente e seus impactos na erradicação da violência contra a população LGBTQIA+ brasileira.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Trecho do conto "*Terça-feira*" (quarto parágrafo, página 43);
- ✔ Notícia sobre a criminalização da lgbtfobia no Brasil, aprovada pelo Superior Tribunal Federal, em 13 de junho de 2019;
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Apresente à turma a notícia do processo de criminalização da LGBTQfobia no Brasil. Quais efeitos acham que a lei teve no sentido de diminuir os casos de violência contra a população LGBTQIA+? Acreditam que propostas como essa são eficazes e importantes?

Discuta com a turma a relevância desse tipo de ação jurídica. Comente que a lei é vitória da pressão de muitos movimentos sociais, mas apenas a sociedade civil mobilizada pode fazer com que se cumpra.

Você sabia?

O site Catraca Livre entrevistou juristas e representantes dos direitos LGBTQ um ano depois da criminalização da LGBTQfobia para traçar um panorama dos impactos da lei. **Saiba mais aqui.**

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta. Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

> *"A música não permitiu perceber a movimentação atrás de si. Não houve tempo para gritos, choros, nem nada do tipo. Um tijolo atingiu em cheio aquela cabeça que levava dentro de si o sonho do nascer do sol para que o próximo encontro se firmasse. O corpo caiu no asfalto. Os homens correram e, entre chutes, socos e tijoladas, aos poucos, iam tirando a vida que, pouco tempo antes, havia deixado de ser só."*
>
> (trecho de *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles*, página 43)

Pergunte à turma se já ouviram falar de situações semelhantes às descritas no trecho. Nesse momento, pode ser que se lembrem de manchetes de jornais, casos discutidos na mídia, mas também de experiências muito próximas de suas realidades.

Fala, Paulo!

O parágrafo, bem como todo o conto, foi pensado considerando a violência física que os indivíduos que não se sujeitam às regras de sexualidade impostas pela sociedade sofrem ao serem eles mesmos e externarem seus desejos.

Pós-leitura

Faça uma chuva de ideias sobre como cada alune poderia colaborar, à sua maneira, para a diminuição desse tipo de violência e a implementação da lei. Anote as contribuições no quadro. Se possível, monte um plano concreto com a turma de pequenas ações a partir das quais possam contribuir, como grupo, para a conscientização em relação à lei. Essas ações podem gerar guias produzidos coletivamente em aulas futuras.

Você sabia?

Vários grupos trabalham no acolhimento, orientação e luta pelos direitos da população lgbtqia+. Aqui, deixamos alguns deles. Você pode apresentá-los à turma por meio de seus sites e redes sociais:

Rede Brasileira de Casas de Acolhimento LGBTQIA+ (All Out/Brasil)

Grupo Arco-Íris

Grupo Pela Vidda

Grupo Diversidade

Proposta 4: Guarda-roupa arco-íris

Objetivo: desconstruir narrativas autoimpostas de gênero

MATERIAL NECESSÁRIO:

- ✔ Trecho do conto *"Roupas (ou pequenas coisas de menino)"* – (segundo parágrafo, página 11);
- ✔ Materiais criativos para desenho, colagem e pintura (revistas, tesouras, cola, tintas, sprays, o que for possível) ou programas que gerem efeitos semelhantes;
- ✔ Quadro para escrever ou slide, aplicativo de escrita (para o caso de aulas on-line).

Pré-leitura

Pergunte à turma se todes se vestem como gostariam. Caso tivessem todo o dinheiro, tempo e liberdade do mundo, como gostariam de se vestir? Já experimentaram com roupas ou não ligam muito para isso? Por que se vestem como se vestem? O que desejam expressar com suas roupas? Por quê?

Leitura

Leia o trecho selecionado em voz alta com a turma. Caso esteja trabalhando no modelo presencial de ensino, alunes podem ler. Caso esteja no modelo on-line, sugerimos que educadores façam a leitura para que se construa a chance de uma escuta mais atenta.

Para facilitar a visualização, transcrevemos o trecho aqui:

> *"Lembro que costumava passar alguns minutos encarando as peças, decidindo qual vestiria naquele dia. Não recordo bem qual era minha a idade à época, mas sei que era como um ritual. Ao escolher a peça, colocava-a em cima da cama, ia até o espelho e encarava meu corpo magro de menino. Despia-me, peça por peça, como que me livrando não só do pano que compunha minhas vestimentas, mas também de algumas amarras que se instalavam na minha pele através dos meus ouvidos. Engrossa essa voz, não senta assim, não anda desse jeito... Eu podia ouvir as palavras se dissipando e virando silêncio dentro de mim."*
>
> (trecho de *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles*, página 11)

Fala, Paulo!

A partir desse parágrafo, é possível realizar uma discussão a respeito dos conceitos de heteronormatividade presentes na sociedade e a respeito de como a família, muitas vezes, é agente para que esses conceitos sejam passados para a frente.

Após a leitura, peça à turma que descreva como imaginam que a personagem do conto seja, a partir de sua relação com as roupas. Aproveite o momento para discutir o que se espera de vestimentas de meninos e meninas. O quanto a turma concorda com esses padrões? O que esses padrões podem gerar? Sentem que são influenciades por eles? Como?

Pós-leitura

Proponha à turma que realize uma criação artística – em desenho, colagem ou seu equivalente digital – para representar como cada alune gostaria de se vestir caso tivesse total liberdade. Exponha os trabalhos em sala ou nas redes sociais.

Fala, Paulo!

Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles *também pode ser utilizado por educadores da área de História e Geografia Humana, para abordar questões de gênero e oportunidades. Ser absolutamente nada do que esperam de você é resistir num mundo esmagador e ter sua vida, representatividade e oportunidades pautadas por isso, o que interfere no lugar onde você mora e na vida das pessoas em que te rodeiam. Pode-se estudar o impacto de querer e tentar ser você mesmo sem que isso interfira na maneira que você se expõe ou se coloca. Não é sobre militar, é sobre ser.*

Fala, Paulo!

Como foi escrever *Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles*?

As histórias que compõem minha obra chegaram até mim nos mais variados momentos da vida. Não houve um processo em que parei e pensei: "poxa, agora, eu vou sentar e escrever um livro". O que houve foi a decisão de juntar essas estórias e jogá-las para o mundo. Houve a preocupação na organização das três partes que compõem a obra da seguinte forma: a primeira apresenta textos que falam de descoberta; a segunda traz escritos mais doloridos, que retratam os processos de violência vivenciados pelos sujeitos LGBTQIA+; e a terceira é composta por textos que falam de se libertar e ser quem se é. Em muitos momentos, como no texto que abre a primeira parte do livro, tive que fazer um retorno à infância, aos cômodos da casa onde cresci e às ruas que guiavam meus passos de menino. A escrita de alguns textos foi dolorida devido a esse retorno ao passado.

Pensando a literatura como expressão artística que nos permite refletir sobre o mundo que nos cerca, além de questioná-lo, a adoção de minha obra, bem como de outras com temática LGBTQIA+, é importante por mostrar universos e possibilidades de ser diferentes daquelas que nos são impostas pela sociedade. Um possível efeito da adoção da obra seria desenvolvermos um olhar mais sensível em relação a questões referentes à população LGBTQIA+ e à percepção de que todas as histórias merecem e devem ser contadas.

Uma mensagem de Paulo a educadores

Gostaria que lessem a obra com a mente e o coração aberto. Cada uma das histórias que compõem Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles *é um grito para que nossas vozes sejam ouvidas e entendidas. Espero que as linhas traçadas no livro auxiliem em um processo de modificação da visão estigmatizadora que insiste em colocar pessoas como eu e as personagens dos contos à margem.*

Uma mensagem de Paulo a leitores

A mensagem que deixo para alunes que desejam ser autores é que escrevam e escrevam mais um pouco. Depois, estudem sobre o mercado editorial. Além disso, que tenham em mente que, muitas vezes, não é um caminho fácil ou lucrativo, mas que escrever e contar histórias é uma das artes mais bonitas.

Uma mensagem de Lidia, a editora, a leitores

Gostaríamos muito que esse livro fosse lido de peito aberto, sem preconceitos, e que os alunos fossem capazes de enxergar a beleza presente em serem eles mesmos, ainda que seja triste que tenhamos que lutar por isso. Que o livro mostrasse um caminho de ressurreição nesse mundo homo/trans/lesbofóbico e que essa escrita fosse uma luz que se acendesse no peito de quem se esconde e se omite por medo do ambiente e das pessoas ao seu redor.

Paulo Narley
Cada Roçar Temeroso de Olhos ou Peles
outra história

Terminando esse papo (ou começando?)

Chegamos ao fim de nossa jornada pelos livros da Coleção Outra História, composta a muitas mãos e com muito carinho. Esperamos que tenha sido útil e que nossa interação não termine por aqui. Como vocês devem ter percebido, muitas das atividades propostas podem ser facilmente adaptadas de um livro para o outro, bem como algumas das referências. Acreditamos que nosso trabalho aqui é o de inspirar, mais que dizer como algo deve ser feito na realidade que só você conhece (e bem).

Então, siga a gente nas redes. Conte-nos o que este material gerou. Vamos deixar nossos contatos e aguardamos vocês para seguir conversando.

editoranua@gmail.com

www.editoranua.com

instagram.com/editora_nua

facebook.com/editoranua

twitter.com/editora_nua

NOA
Paulo Narley
Cada Roçar
Temeroso
de Olhos
ISRAEL NETO
NÃO
PODEMOS
ESPERAR
Para o homem
descansando
ao meu lado
DES
VIO